



**VAVzine n.1**

**Capital Inicial**

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES  
PROCESSOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS

Lívia Barroso de Moura

VAVzine

A REVISTA DA VENDO AÇÕES VIRTUOSAS

Niterói/RJ  
2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

B277v Barroso de Moura, Lívia  
VAVzine: A revista da Vendo Ações Virtuosas / Lívia  
Barroso de Moura ; Luiz Guilherme Vergara, orientador.  
Niterói, 2018.  
85 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGCA.2018.m.05754795742>

1. Arte contemporânea. 2. Economia da energia vital. 3.  
Alfabetização emocional. 4. Descolonização do patriarcado.  
5. Produção intelectual. I. Título II. Vergara, Luiz  
Guilherme, orientador. III. Universidade Federal Fluminense.  
Instituto de Arte e Comunicação Social.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

Lívia Barroso de Moura

VAVzine

A REVISTA DA VENDO AÇÕES VIRTUOSAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos  
das Artes da Universidade Federal  
Fluminense, como parte dos requisitos necessários  
Para a obtenção do título de Mestre em  
Processos Artísticos Contemporâneos

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Guilherme Vergara (UFF)**

Niterói/RJ 2018

**Lívia Barroso de Moura**

VAVzine: a revista da Vendo Ações Virtuosas

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense,  
como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em  
Processos Artísticos Contemporâneos.

Aprovada em 20 de junho de 2018. BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Guilherme Vergara (Orientador)

Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andrea Copeliovitch

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Jorge Menna Barreto

Universidade Federal Fluminense

MOURA, Livia Barroso de. **VAVzine: a revista da Vendo Ações Virtuosas.** Dissertação (Mestrado em Processos Artísticos Contemporâneos) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

Resumo: Esta pesquisa de mestrado foi transformada no projeto de uma tezine (mistura de tese e magazine), a VAVzine: revista da Vendo Ações Virtuosas (VAV). A VAV é uma plataforma de ações coletivas entre arte, economia da energia vital, resgates e reinvenções na descolonização do patriarcado e alfabetização emocional. Durante o mestrado foram escritos os textos principais para as primeiras edições dessa revista. Esses textos foram escritos junto com a própria prática da VAV, sendo tanto um propulsor como um resultado desses processos.

Palavras-chave: arte contemporânea, alfabetização emocional, mulherbiosfera e economia da energia vital.

Agradecimentos:

Um corpo é composto de múltiplos corpos, diz Espinosa, e nossos pensamentos, sentimentos e ações também são compostos por múltiplos corpos. Agradeço a todas as brisas e avalanches que me atravessam e a cada um dos integrantes da VAV por estarmos juntos acreditando, vibrando e afinando nossos instrumentos na busca por uma sintonia maior. A encarnação efetiva desse sonho (sonhado) VAV se deve sobretudo ao apoio de um grande amigo e mestre: Luiz Falcão (conhecido como Guilherme Vergara) e graças às pessoas e situações ligadas direta ou indiretamente a esse mestrado sob sua orientação. Mas nada disso seria possível sem o apoio e o amor dos meus filhos e da minha família.

Imagem da capa: Detalhe da pintura “Abrindo a Caixa”, Livia Moura, 2017

fato é que

começos facilmente são confundidos

com ruínas

(Mayra Redin)



Lambe-lambe impresso por Los Pintores.

## Bem vindos à primeira edição da VAVzine!

É com muito prazer, suor e entusiasmo que lançamos esse material, na esperança de que possamos criar mais uma ação virtuosa vibrando em sintonia com as transformações do espírito do nosso tempo. Sentimos a necessidade de criar essa publicação para que pudéssemos contribuir com a prática e o debate de movimentos artísticos atuais que vem transbordando em ações engajadas socialmente.

Essa primeira edição tem o desafio de construir uma cartografia escrita da VAV, dos principais fios que tecem essa trama. Essa estória será reconstituída a partir do meu ponto de vista, Lívia Moura, artista-propositora da VAV, procurando juntar filas de palavras que irão se apresentar fragmentadas em camadas de tempos e dimensões, como um crochê que quer se espalhar para todos os lados em vez de seguir uma linha única. Acabo, com um certo pudor, tendo que descrever certas errâncias e realismos mágicos que desembocaram na VAV. Consciente da impossibilidade de dar conta das dimensões rizomáticas desse processo, escrever essa revista é como tropeçar nos desastres de Sofia, de Clarice Lispector:

Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas estórias. E nem todas posso contar - uma pa-

lavra mais verdadeira poderia de eco em eco fazer desabar pelo despenhadeiro as minhas altas geleiras.

(Lispector, 1977: 11)

Durante essa concepção aberta da VAV participo de um processo de descobrimentos arqueológicos, onde enigmas e charadas vão aos poucos se revelando. Encontro-me cada vez mais fascinada e perplexa, como se todo o quebra-cabeça já estivesse pronto antes da primeira peça ser colocada no tabuleiro. Estamos mergulhados em processos de *potentia transcendente*, que ativam a consciência quântica, atraindo para si aquilo que ainda não se é consciente, em que passado e futuro colapsam no presente, subvertendo o sentido linear do tempo (Goswami, 2008). Algo que se inscreve numa temporalidade circular, em movimentos espiralados, por alinhamentos intuitivos, sintonias que vão além de uma possível programação. Invocando nesta proposição a reterritorialização de sabedorias e intuições latentes, para nos liberar das camadas depositadas por milênios na nossa memória celular de relações pautadas pela repressão e o medo.

Transitando entre áreas nem sempre associadas como economia, arte, pedagogia e feminismo, a VAV busca reinventar modos de ser e ver no aqui e agora que possam restaurar futuros (a começar por mim mesma, a própria artista e arte). A humanidade está diante de impasses imobilizantes por intolerância ao oposto e, segundo o físico quântico Amit Goswami, seria impossível resol-

ver a dicotomia de opostos com base na análise consciente dos contextos conhecidos. Mas o autor acredita que a criação artística acessaria o inconsciente envolvendo a justaposição e a simultaneidade de áreas dissociadas gerando “polissociações” (Goswami, 2008: 142). Percebo que a VAV está sendo gestada por essa genealogia transversal e transtemporal de polissociações que ganham corporeidade nos imaginários coletivos e ações artísticas para construção de uma “pós-modernidade arcaica”<sup>1</sup>. A empreitada VAV é portanto um exercício que comporta diversos riscos e desafios. Estamos constantemente pisando em ovos, desafiando visões conservadoras nas áreas de pedagogia e economia, mas também do mercado de arte e do contexto artístico intelectual e acadêmico (inclusive dentro de nós mesmos).

A concepção da VAV é também um processo ontológico entrelaçando pensadores, dados históricos e astrológicos com sonhos e experiências que me atravessam. Segundo Paul Ricouer compreender não seria um modo de conhecimento, mas um modo de ser: o modo deste ser que existe ao compreender. Ricouer defende que:

(...) a compreensão das expressões multívocas ou simbólicas é um momento da compreensão de si; a abordagem semântica encadear-se-á, assim, numa abordagem reflexiva. Mas o sujeito que se interpreta ao interpretar os sinais já não é o Cogito: é um existente que descobre, pela exegese da sua vida, que está posto no ser mesmo antes de se pôr e de se possuir.

(Ricouer , s/d:13)

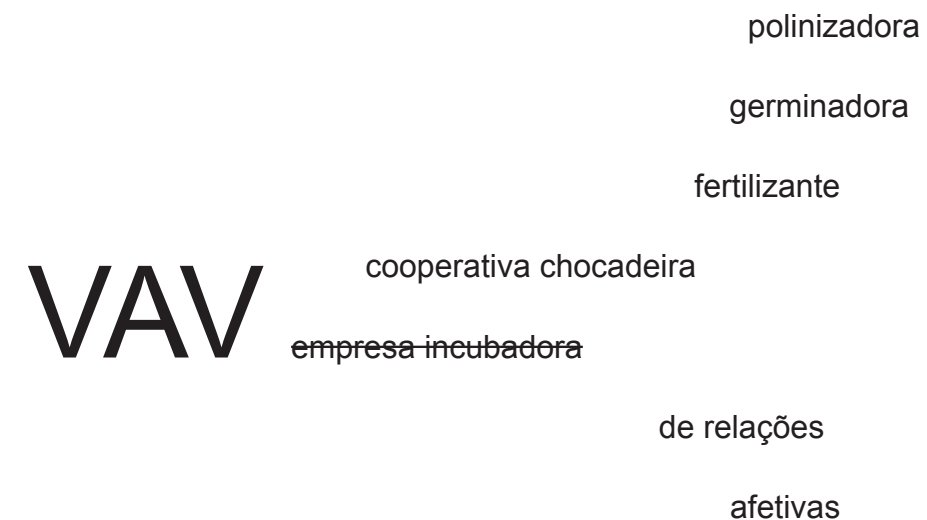
Esta escrita em de(re)composição é um processo interpretativo como outro de mim mesma, onde o ato criador é também de compreensão de si - como desejo e esforço de ser (Ricouer, s/d:6). Mas que, sobretudo, coloca em jogo práticas e conceitualizações de viradas contemporâneas estéticas e éticas do artista e da arte. O artista que se torna, nas palavras de Hélio Oiticica, um “propositor de proposições” que transbordam os limites do circuito, onde o mundo é o museu (Oiticica, [1967]2006).

Abordo os símbolos invocados pela VAV como um devir fenomenológico hermenêutico deste processo a partir de Paul Ricouer - desde as releituras de personagens míticos como Pandora, Lilith, a serpente, os leões aker, o dragão, e tantos outros personagens que são convidados a participar das nossas proposições. A busca pelo sagrado e pela criação de rituais (não religiosos) também faz parte de um processo hermenêutico que atualiza para e com os *zeitgeits* (espíritos do tempo); nos colocando em contato com nossa própria essência divina buscando reintegrar aspectos banidos pelo sistema patriarcal.



Leões Aker ( detalhe da logomarca da VAV), Babilônia, 2.500 a.c.

O que é a VAV e a VAVzine?





Gabi Macena (acima) e Carol Cortes (abaixo) pedalando o Triciclo Imantado durante o Abra Alas 14, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, 2018.

“Vendo Ações Virtuosas” é um convite para um consumidor/investidor consciente e ao mesmo tempo um olhar mais atento às virtudes que brotam no caminho. Somos um fluxo que pode ser enquadrado na definição “coletivo de arte” ou mais precisamente um “coletivo de artistas em cooperativas”, mas essas definições são como tentar engarrafar uma nuvem em constante mutação. Não nos interessa definir o que é a VAV, preferimos deixar que ela se defina pela sua deriva, pois achamos que a busca e os processos são mais importantes do que as respostas que a sociedade já encontrou para determinados padrões de comportamento.

A VAV vem atuando como uma *incubadora* chocadeira de desejos vitais, tecendo redes de redes, agenciamentos de afetos e potencialidades. Somos uma convocatória para práticas de convivência e experimentações de nós mesms<sup>2</sup>, como uma agência de investimentos na tecnologia da energia vital. Como propositora da VAV e dessa revista, me proponho escutar as múltiplas vozes que compõem esse grupo, adotando um método de atuação e de escrita uterinas que se desenvolvem dentro e como parte dos nossos processos de fecundação e germinação. Consciente da impossibilidade de ser fiel à todas as vozes consonantes e dissonantes desse fluxo e de que os conflitos e desacordos são fundamentais para o crescimento do coletivo.

A produção das primeiras edições da VAVzine se deram graças à uma bolsa de mestrado em Processos Artísticos Contemporâneos da Uni-

versidade Federal Fluminense concedida pela Capes. A orientação acadêmica de Luiz Guilherme Vergara foi fundamental para que essa tezine (tese/magazine) se materializasse. Mas além de orientador e curador, LGV se tornou um de nossos acionistas, co-criadores e especuladores. Decidimos inclusive rebatizá-lo de Luiz Falcão (um de seus sobrenomes) abrindo caminho para que as relações não pautadas pelo engessamento institucional e acadêmico continuassem florescendo.

Chamamos os empreendimentos da VAV de Avis (Ações Virtuosas) e nosso objetivo com eles é desenvolver rituais de iniciação humana com o intuito de resgatar nosso corpoT(t)erra<sup>3</sup>. As nossas angústias e inquietudes são a matéria prima para juntos afinarmos nossos instrumentos numa sinfonia maior. Para isso, desenvolvemos ações coletivas que atuam nas fissuras uterinas das instituições, sistemas de interações e transações esgarçando as membranas do sentido da arte como agenciamento e geração de conectividades. O que nos inspira é justamente gerar ações coletivas e co-autorais, que possam potencializar afetos e afecções em suas subjetividades. Segundo o filósofo e economista francês Serge Latouche é preciso fazer o contrário de Penélope, refazer de noite a rede social que a globalização destrói de dia (Latouche, 2010).

E acredito que é sobretudo através da atividade lúdica, em suas polissociações, que podemos abrir espaço para criar novos paradigmas para a existência. De acordo com o pensamento de Albert Einstein, publicado no livro Sobre Reli-

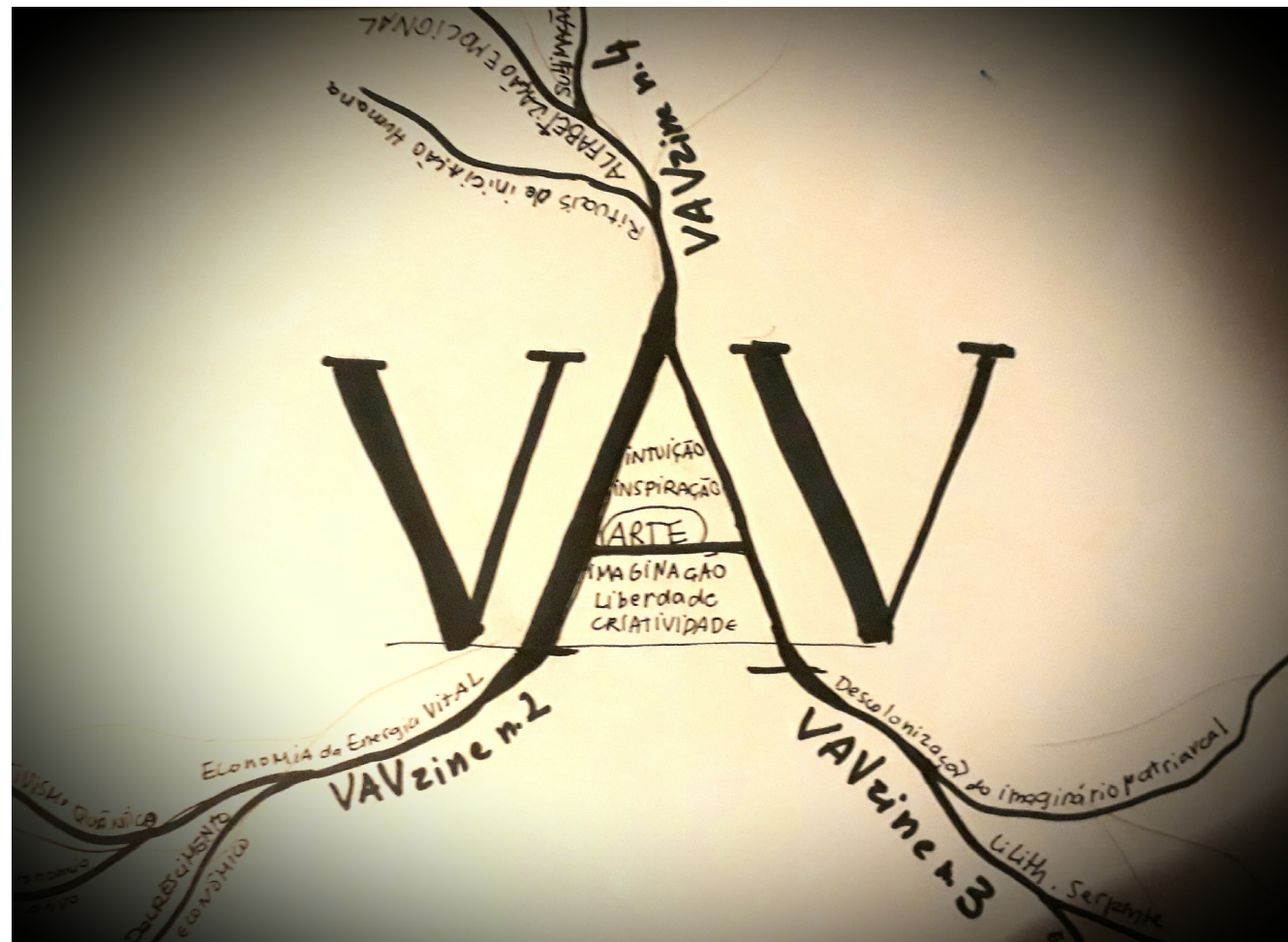


gião Cósmica e Outras Opiniões e Aforismos em 1931:

A imaginação é mais importante que o conhecimento, pois conhecimento é limitado, enquanto a imaginação abraça o mundo inteiro, estimulando o progresso, dando à luz à evolução.

(Vinhas apude Einstein, 2011)<sup>4</sup>

É a partir da arte, no seu exercício experimental da liberdade<sup>5</sup> que a VAV vem espalhando seus rizomas. A nossa cosmopoética é concebida como um agente holístico de uma ética tripartida<sup>6</sup>. Os três eixos principais que formam essa visão holística e polifônica estarão subdivididos nas próximas edições da VAVzine:



Desenho sobre papel, Livia Moura, 2018.

1. Economia da Energia Vital:

ativismo quântico, decrescimento econômico feliz, bem viver (*sumak kawsay*, *ubuntu* e *teko porã*) e autonomia criativa.

2. Resgates da Lua oculta:

Lilith, descolonização do imaginário patriarcal, feminismo, ressurgências e reinvenção de mitos.

3. Alfabetização Emocional:

sublimação, reciclagem das emoções e rituais de iniciação humana em escolas, espaços institucionais e públicos.

Desde Hélio Oiticica e Lygia Clark, várias gerações de artistas investem numa virada das práticas artísticas para horizontes de conectividade, colaboração e convivência humana. HO através do seu interesse nas práticas relacionais, também defendia que os sentidos dariam bases para novas transformações humanas. A partir da experiência neoconcreta e seu Programa Parangolé – Ambiental, HO investiu crescentemente na fragmentação e fim do objeto, assumindo os sentidos como bases para novas transformações humanas. Da mesma forma, Lygia Clark rompe com a ortodoxia do objeto da arte concreta, a começar pela linha orgânica, na construção do *self* e estruturas relacionais.

Seguindo nesses fluxos, a VAV parte para proposições artísticas que ativam camadas de consciências - centradas no corpo, vozes e vibrações- que compõem um “individuum”, quan-

do se reconhece não mais separado do entorno. Nesta abordagem, se configura uma visão do indivíduo como um campo onde são travadas inúmeras batalhas emocionais e psicossociais, mas que se ampliam infinitamente como rendas de sensibilidades expandidas transtemporais, universais, planetárias e cósmicas.

Os 3 eixos principais da VAV estão interligados por uma virada no sentido da arte em prover plataformas de vivências pela regeneração das relações de parceria e cooperação; em contraposição às relações capitalistas patriarcais de dominação e opressão que regem o mundo atual. Mas acreditamos que as primeiras batalhas contra um sistema opressor são travadas dentro de nós mesmos. Partem de sentimentos e pensamentos mal direcionados, nos tornando reféns do nosso próprio veneno, conduzindo ao desequilíbrio e ao bloqueio da energia vital. E seriam justamente esses desalinhamentos que culminariam em atitudes violentas conosco e com os outros.

Partindo desse interesse no desenvolvimento de uma consciência individual expandida, urge a vontade de nos aprofundarmos nos estudos e nas práticas artísticas que investem na interconectividade através de processos de **Alfabetização Emocional**. Nesse processo vamos reunindo diferentes campos e áreas de saberes com foco no comportamento e vivências relacionais. Tanto HO quanto LC traziam para seus trabalhos e reflexões as inquietações existenciais que ecoavam batalhas íntimas e mudanças nos

modos de criação e percepção de afetos. Essas batalhas íntimas, ou mais precisamente nessa intercessão entre íntimo e exterior, que Lacan chama de êxtimo (Rivera, 2013).

Nenhuma transformação verdadeira pode ocorrer sem uma vontade genuína por parte dos agentes. Dessa forma, a VAV acredita que é fundamental “limpar” certos arquétipos que foram deturpados pelo materialismo científico e pelo patriarcado religioso. Arquétipos vitais, como a serpente e o fruto da sabedoria da árvore da vida (a maçã), soterrados com bombardeios e propagandas políticas para legitimar como território de conquista vários povos, as mulheres e a própria biosfera. Nas nossas Avis resgatamos Lilith, a nossa lua oculta, focando na reconexão com aspectos femininos sombrios que foram banidos por ameaçarem a manutenção do sistema de controle patriarcal. Por isso, precisamos de **Resgates da nossa lua culta**.

Mas as mudanças no imaginário coletivo e nas nossas relações êxtimas, nos levaram também à rediscutir a economia, a “gestão da casa” (eco=lugar/casa, nomia=gestão). Ou seja, o modo como se dão as trocas e transações econômicas humanas. Num contexto de crise socioambiental planetária, a VAV se alinha com proposições transmodernas como a “Economia da consciência” (de Amit Gowami), o MDF- Movimento pelo Decrescimento Econômico Feliz e as discussões entre economia, Ubuntu, Teko Porã e Sumak Kawsay, princípios ancestrais de harmonia e “bem-viver”. Essas proposições

abordadas tem em comum a busca por estratégias de ruptura com o círculo autodestrutivo do crescimento econômico material.

Pois será mesmo que o crescimento econômico é a única alternativa possível? E o homem é mesmo o lobo do homem? Será que o lobo é um predador tão cruel como tem sido o homem? Será que a tecnologia e o bem estar só se sustentam graças à guerra? Ou será que esses dogmas não passam de propaganda política para a manutenção do controle?

A VAV enxerga essa onda reacionária que vem se alastrando pelo mundo como uma tentativa desesperada das estruturas de poder de manter um sistema que vem se estilhaçando por todos os lados. Num dos artigos do livro “Economia de Gaya”, David Korten presidente da Positive Future Network afirma:

A história mostra que, à medida que os impérios desmoronam, as elites governantes se tornam mais corruptas e cruéis no seu impulso de assegurar o poder.

(Korten, 2017:25)

O desgaste das reservas planetárias nos coloca diante de uma estrada que vem conduzindo a humanidade em alta velocidade contra sua própria extinção. As certezas universais sobre as quais o sistema vem se sustentando estão desmoronando e novas (e arcaicas) soluções “pluriversais” se tornam urgentes. Por mais que a *mass media* noticie diariamente o colapso e reforce os paradigmas do predador, a VAV foca suas lentes



Frames do Vídeo Panorama, 11'6", Livia Moura, Ilhas Cagarras, Rio de Janeiro, 2016. Foto: Athila Bertonchini.

em ações corrosivas e subterrâneas, ações virtuosas que vem se alastrando; fazendo parte da energia da mulherbiosfera, com seus movimentos serpenteantes que sempre mantiveram vivas a kundalini da Terra, essa rede de solidariedade e abundância que proporciona a manutenção da vida. Por isso pregamos que seja adotada uma **Economia da Energia Vital**.

o espiritual  
ã  
s  
n  
e  
c

VAV é uma plataforma de a s

## Capital Inicial das Ações Virtuosas

Uma virtude dadivosa é a mais elevada virtude.

(Nietzsche, 2017:78)

É divertido classificar a VAV como “empresa financeira” e usar hashtags como #bolsadevalores ou #economia nas publicações nas mídias sociais (já conseguimos alguns seguidores do setor com essa estratégia). Mas a palavra coo-

perativa talvez seja mais coerente com o nosso verdadeiro espírito, já que estamos falando de empreendedorismo, mas de um outro empreendedorismo, fora da dinâmica do crescimento econômico infinito. Estamos falando de decréscimo econômico material e crescimento de tecnologias sutis que produzam virtudes, intuição, ética, afeto e felicidade.

O físico quântico indiano Amit Goswami afirma que a tecnologia da energia vital será a nova fronteira tecnológica do século XXI (Goswami, 2015). Essa tecnologia não estaria se contrapondo ao materialismo, mas impondo limites para os abusos das reservas planetárias que este último vem provocando. Aqui também estaria um indicativo para as mudanças radicais no campo da arte, já antecipadas pelo conceitualismo, pela desmaterialização do objeto, estéticas relacionais e tantas outras vertentes que se alinham a esse posicionamento crítico e ético.

Nossas Avis estão ligadas direta ou indiretamente ao que Espinosa chamaria de uma ética dos afetos (Espinosa, 1980). Assim se justifica a própria conceituação da VAV como um agente de Alfabetização Emocional (AE). A concepção dos conceitos de AE nasce da minha experiência em laboratórios artístico-pedagógicos com crianças em escolas públicas do sul da Itália; mas é na verdade voltado para todas as idades, me incluindo nesse processo em constante deriva. Acredito nesses percursos de AE, que venho propondo junto com a VAV, como um veículo para promover uma troca entre a dimensão pro-



Performance do Icô (Dasha Lavrennikov e Nora Barna) durante o dia Internacional do Decrescimento Feliz na Praça XV, 2017.

cessual subjetiva e coletiva, numa fecundação tanto existencial quanto uma ponte multissensorial para o espiritual. Como a palavra espiritualidade ainda encontra barreiras por parte de intelectuais materialistas ou é tratada como território exclusivo de religiosos fundamentalistas e místicos, decidi rotular os agenciamentos da VAV de Alfabetização (palavra preciosa e atraente para pedagogos tradicionais como aquisição de linguagem) Emocional (provocando nela um desvio semântico ou orgânico). Mas tecnicamente esse campo, recentemente incluído nas diretrizes da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) do Ministério da Educação, é chamado de “competências socioemocionais”.

Como desdobras dessa pesquisa no campo

ampliado das práticas artísticas, vamos tecendo coletivamente essas germinações por mútuas afecções e afetos; oferecendo espaços de encontros e modos de ser e estar juntos mais plenos e conectados, como corpos de múltiplos corpos que compõem o planeta. Remetendo a Espinosa:

O corpo humano é composto de um grande número de indivíduos (de natureza diversa), cada um dos quais é também muito composto. (...)

O corpo tem necessidade, para sua conservação, de muitos outros corpos, pelos quais é como que continuamente regenerado.

(Espinosa,1992:219)

Essas conceituações éticas de Espinosa também estão presentes nas viradas de Lygia Clark<sup>7</sup> que se dedica ao final de sua vida a uma prática experimental terapêutica.

As propostas da VAV vão sendo pautadas pela experiência e intuição, de acordo com o ambiente e o interesse das pessoas envolvidas. Defendendo o que Espinosa chamaria de uma ciência intuitiva de afetos, nas relações com o ambiente, promovendo encontros alegres que gerem o despertar de vontades e potência de agir (Espinosa, 1980).

Nossas Avis se propõem a dar corpo e voz ao “sonho da terra por debaixo do asfalto”<sup>8</sup>, criando nele fissuras rizomáticas para que a terra possa trans(pirar!) e as sementes explodir e estilhaçá-lo, trazendo de volta o fluxo da energia da terra para o céu e do céu para a terra.

A dissertação de mestrado, que em si serviu para organizar, articular e enunciar a prática e os conceitos da VAV, se transforma agora numa extensão das nossas Avis. O projeto da VAVzine é um modo que encontrei, durante o percurso acadêmico, de permanecer fiel à terra, um modo de entrar em consonância com o que diria Zaratustra:

Permaneçais fiéis à terra, meus irmãos, com o poder da vossa virtude! Deixai que o vosso amor dadivoso e o seu conhecimento sejam devotados no sentido da terra! Assim vos peço e imploro.

Não os deixeis voar para longe das coisas terrenas e bater com as asas contra

as muralhas eternas! Ah, sempre houve muita virtude desgarrada.

Conduzi, como faço eu, a virtude desgarrada de volta para a terra – sim, de volta ao corpo e à vida: para que ela dê para a terra o seu sentido, um sentido humano.

(Nietzsche, 2011:80)

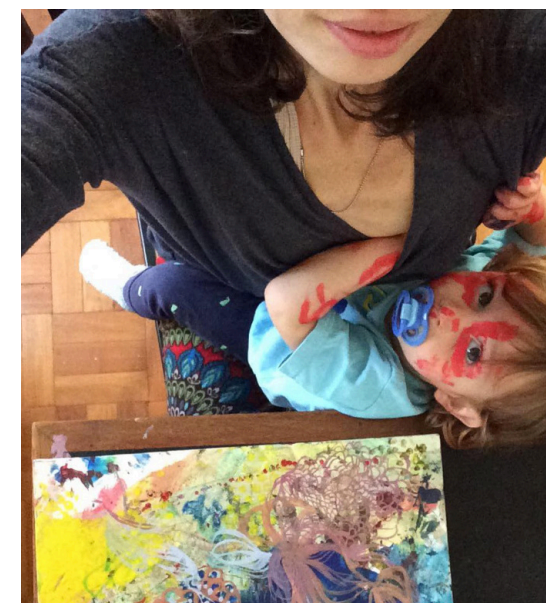
A terra é aqui invocada por Zaratustra no seu poder concreto e simbólico de materialização da virtude. A virtude que bate contra “as muralhas eternas” entra em conflito com um conhecimento intelectual ou acadêmico não aplicado. A VAV estaria trazendo para o seu corpo os resgates do papel da arte de reterritorializar o exercício experimental “da conectividade”; incorporando acontecimentos por onde conhecimentos desgarrados (de inconscientes soterrados) são encarnados pela consciência imantada coletiva. Corpo de múltiplos corpos que dão sentido à terra, à mulherbiosfera.

## Um corpo de múltiplos corpos

A VAV articula colaborações variadas e nem sempre contínuas, com diversos acionistas atuando em diferentes frentes; e cada pessoa ou grupo que participa da VAV pode encabeçar projetos ou outros coletivos que procuramos entrelaçar, apoiar e potencializar. Além de “propor proposições”, meu papel no grupo é agenciar as Avis criadas coletivamente, que tendem a se desdobrar cada vez mais independentes da minha participação diretiva, imantadas por intenções que promovam o bem comum.

A VAV é ao mesmo tempo uma intervenção estética, epistemológica e existencial. Esse processo de escrita-experimental é também ontológico, simbólico e coletivo, atravessando a mulher-mãe que sou na vida contemporânea. Faço parte constitutiva de uma concepção uterina com a VAV e em transformação como tal. Corre no meu sangue o sangue das mulheres que já foram rebeldes, queimadas na fogueira, torturadas, abusadas e impedidas de fazer as próprias escolhas; mulheres que nesse momento histórico vem cada vez mais tomando as rédeas da vida pessoal e coletiva.

Sou uma mulher branca de classe média, nascida na zona sul do Rio de Janeiro de uma linhagem de mulheres intelectuais que estiveram a frente do seu tempo. Estas que sempre me colocaram consciente (de maneira responsável) dos privilégios que temos por estar nessa posição social. Nesse momento sou mãe single, sou o cuidado, a educação e o principal sustento eco-



Lívia Moura e Kito, 2015.

nômico dos meus 2 filhos (atualmente com 3 e 5 anos); dependentes fisicamente, afetivamente e emocionalmente de mim e das minhas transformações em processo.

Os filhos promovem efetivamente uma interrupção na vida e na carreira das mulheres e nos trazem diretamente para necessidades básicas: alimentar, limpar cocô, colocar para dormir (e não dormir) e assim por diante. Ao mesmo tempo nos colocam de frente à necessidade de criar comunidades, redes de apoio e suporte para sua criação. A maternidade e a paternidade ativas e dedicadas nos impõem basicamente às necessidades vitais cruciais para manutenção e preservação da vida. Mas também desafia, as mulheres que querem exercer a maternidade<sup>9</sup>, a buscarem caminhos para não se submeterem às estruturas de poder; na busca por uma inserção

# AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

Trabalhar sem a pressão do sucesso  
Não ter que participar de exposições com homens  
Poder escapar do mundo da arte em seus quatro trabalhos como freelancer  
Saber que sua carreira pode decolar quando você tiver oitenta anos  
Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será rotulada de feminista  
Não ficar presa à segurança de um cargo de professor  
Ver as suas ideias tomarem vida no trabalho dos outros  
Ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade  
Não ter que engasgar com aqueles charutos enormes nem ter que pintar vestindo ternos italianos  
Ter mais tempo para trabalhar quando o seu homem lhe deixar por uma mulher mais nova  
Ser incluída em versões revistas da história da arte  
Não ter que passar pelo constrangimento de ser chamada de gênio  
Ver sua foto em revistas de arte usando uma roupa de gorila

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DAS **GUERRILLA GIRLS** CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

Vantagens de ser uma mulher artista, 1988, versão traduzida especialmente para o MASP (imagem: Guerrilha Girls)

no mercado, que nos afasta das crianças com suas urgências obsessivas de crescimento produtivo.

Apesar da cruel atualidade do manifesto acima, datado de 30 anos atrás, talvez algumas coisas venham mudando de lá pra cá. Um dos principais lemas das manifestações feministas atuais é: “Meu corpo minhas regras”, que se estende para “o lugar da mulher (não é no fogão) é onde ela quiser”. A inserção no mercado de trabalho e a independência econômica são fundamentais para a emancipação da mulher. Mas será que todas as mulheres querem e devem seguir



Lívia e Teo., 2014. fotografia Cordelia Fornnau

o padrão hiper-produtivista imposto pelo sistema econômico?

A VAV também exerce esse vocação de chocadeira no cuidado para que nossas potencialidades cresçam e dêem frutos, sem esmagar a energia vital alheia. A nossa atuação tem como objetivo algo como inundar os espaços públicos, as Universidades, as Assembléias Legislativas,

os Escritórios e os Bancos de mães amamentando seus filhos, cozinhando papinha, acalmando prantos, limpando bumbuns e cuidando das plantas. Quem sabe isso enlouqueceria nós mulheres e homens a serviço da manutenção do poder e por fim estimularia a expansão dos nossos chacras cardíacos?

Além disso, a gravidez e a maternidade podem ser uma oportunidade de reencontro com nossos monstros e propósitos mais profundos; uma conexão visceral com a natureza, num alinhamento do propósito pessoal com um propósito maior. Sobre a importância das mulheres a ecofeminista Vandana Shiva, afirmou durante uma entrevista:

Deixaram às mulheres fazendo o trabalho que não era considerado importante. Ir para a guerra e matar era considerado importante. Fazer riquezas às custas dos outros era importante. Homens poderosos se organizaram para que homens não poderosos fizessem seu trabalho sujo. Às mulheres foram deixadas às coisas reais: prover água, alimento, cuidar da família... Os valores que precisamos para o futuro são valores de sabedoria sobre como conviver com a natureza. Esse é o conhecimento das mulheres. Precisamos de sabedoria sobre como cuidar: esse conhecimento que agora é chamado de “Inteligência Emocional”.(...) As mulheres, com seu cuidado e capacidade de compartilhar, serão as mestras de como ser humano no futuro.

(Vandana Shiva, youtube, 2018)<sup>10</sup>

A VAV aposta que a transição para um novo sis-

tema será feita por pessoas que tenham a sabedoria de como cuidar e cooperar para criar novas soluções para os conflitos. Que também se remete ao novo papel do artista no sentido de ser um agente de conectividade e da arte como exercício experimental da liberdade.

Onde a liberdade:

não é estar em cima de uma árvore,

não é o vôo de uma mosca,

não é um espaço livre,

liberdade é participação.

(Giorgio Gaber, tradução livre, 1974)<sup>11</sup>

## A Sigla VAV

**VAV**  
vendo ações virtuosas s/a

Em 2008 matelava na minha cabeça a seguinte frase:

venda de ações na bolsa de valores

venda de ações na bolsa de valores

venda de ações na bolsa de valores...

e achava essa terminologia interessante e auto-subversível.

Em 2013 surge o nome “Vendo Ações Virtuosas” durante um sonho. Ao acordar, escrevi a sigla VAV e visualizei nela 3 triângulos, muito usados nas pré-escrituras neolíticas, mas também a pose de ícones femininos arcaicos. Existem inúmeras imagens nas antigas civilizações de deu-



Imagens da esquerda para a direita: Marina Abramovic, Ana Mendieta e Carolee Sheemann.

sas com os dois braços levantados em forma de “VAV”. Ana Mendieta, Carolee Schneemann e Marina Abramovic são algumas das artistas contemporâneas que resgataram essas posturas em suas performances.

O sonho, segundo o líder indígena Ailton Krenak, seria o momento em que estamos conversando e ouvindo as nossas motivações, os nossos sábios, que não transitariam nessa realidade. A tradição dos nossos antepassados, como esteio do Universo, se comunicaria conosco através do sonho. Para Krenak, o processo de transmissão de conhecimento através do sonho:

É como a água do rio: você olha de um determinado ponto a água correndo; quando volta na manhã seguinte, não verá a mesma água, mas o rio é o mesmo. O que o meu tataravô e todos os nossos antigos puderam experimentar passa pelo sonho para a minha geração. Tenho o compromisso de manter o leito do sonho para meus netos. E os meus netos terão que fazer isso pelas gerações futuras. Isso é a memória da criação do mundo.

(Ailton Krenak, 2015:94)

Desde pequena sou atravessada por sonhos místicos, simbólicos e premonitórios. Quando escrevi em 2013 pela primeira vez a sigla VAV tive a sensação de que ela já existia de alguma forma, em alguma civilização passada, futura ou paralela. Mas é só em 2018 que me deparo com a seguinte sentença em hebraico:

#### *Alef Vav Mem*

Buscando na internet encontro o seguinte significado:

*Alef Vav Mem* é um poderoso amuleto que irá ajudá-lo a criar pontes para reinos mais elevados, amor pela humanidade, compaixão, cultivar as amizades e nutrir os laços familiares, esquecendo os inimigos e obtendo realização espiritual.<sup>12</sup>



Vav é a 6a letra do Aleph-Bet hebraico. O seu significado para essa cultura é “gancho”, pois era literalmente um gancho de conexão usado quando o Tabernáculo era montado. O Tabernáculo seria uma espécie de santuário portátil, que poderia ser facilmente transportado sendo construído como uma tenda. É interessante notar que a VAV nasce justamente como uma caravana, lugar de conexão espiritual com um devir nômade. E nosso triciclo, que mais adiante apresentarei, exerce uma função de tabernáculo, sendo nossa instituição de arte (ou santuário) itinerante.

O significado da letra Vav para os hebreus se remeteria à haste que sustentava o Tabernáculo,

servindo de conexão entre os homens e Deus, a ponte entre questões terrenas e espirituais<sup>13</sup>. Sendo a Torá<sup>14</sup> a habitação da palavra de Deus atualmente, as cortinas dessa tenda se tornaram as folhas da Torá, que seriam presas por um gancho (Vav), simbolizando o “enganchamento”. Podemos dizer que o nosso Tabernáculo (o Triciclo Imantado) também se transmutaria em diversas outras formas, como na construção dessa revista e do material didático em competências sócio emocionais que estamos desenvolvendo. A letra Vav, para os hebreus, teria o poder de conectar e correlacionar todos os elementos dentro da criação<sup>15</sup>.

Existem muitos mistérios da cultura hebraica em relação a letra Vav, inclusive relacionadas ao primeiro homem: Adão. Não me atrevo a ir ainda mais longe nas interpretações simbólicas sobre essas conexões com conceitos e ações da VAV, pelo menos não por hora. Mas acho interessante expor a explanação sobre o segredo da letra Vav do místico hebreu Misha' E Yehuda:

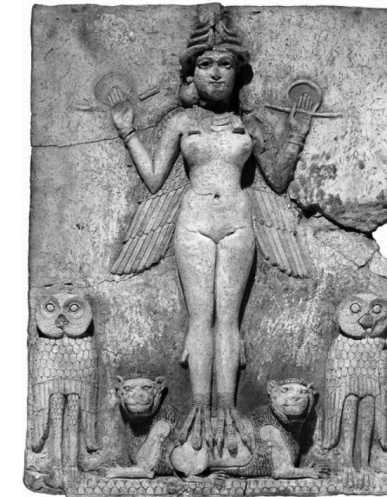
Segundo o místico, Cain teria matado Abel como consequência do pecado de Adão, mas Cain não sabia que iria matar Abel e quando o fez teria se arrependido profundamente. Deus teria visto o arrependimento de Cain e marcado um sinal na sua testa: a letra Vav. O mistério que Yehuda revela é de que a letra Vav tem o poder de atrasar a lei de causa e efeito para que nós tenhamos tempo para elevar nossa consciência e encontrar a causa que criou tais consequências e desta forma erradicá-las, antes que as consequên-

cias recaiam sobre nós. Todos nós seríamos os criadores dessas consequências e o místico nos exorta a meditar sempre na letra Vav, até que tenhamos consciência de qual teria sido a causa criada por nós. Mas muitas vezes a causa dessas consequências, que pode ser chamado de *kharm*, estariam muito distantes no passado e nós não lembraríamos mais<sup>16</sup>.

Se são nossos ancestrais que nos enviam a memória da criação do mundo através dos sonhos, essa é uma longa conversa, que parte de tradições muito diversas. Infelizmente a memória da genealogia das nossas origens - indígenas, camponesas, africanas, de refugiados de guerras e inquisições - foi intencionalmente apagada e banida. As memórias familiares e históricas, que normalmente se busca preservar, são o ponto de vista do opressor/vencedor, mas certamente todas essas raízes-outras estão pulsando em nós e precisam ser escutadas. A ciência vem nos mostrando cada vez mais que somos todos “vira-latas” e essas múltiplas origens nos atravessam mesmo que sorrateiramente, no nosso DNA, nos nossos sonhos, no nosso karma, no nosso imaginário coletivo, em nossa cultura e formação subjetiva. E serão justamente elas que irão nos guiar para estruturas de convívio mais plenas e justas.

A VAV busca desenvolver processos que transformem imaginários nos reconectando com nossas raízes e com as raízes das causas da crise socioambiental, desde um âmbito intra e inter-pessoal, até histórico, transcultural e astral para

que possamos encontrar uma forma de sublimação ou transmutação do nosso karma pessoal e coletivo na busca por uma visão e atuação onde estamos inevitavelmente interligados e interdependentes.



Lilith, Babilônia, 2.500 a.c.

## A logo

Em 2016 já tínhamos uma concepção inicial para a VAV, mas precisávamos de uma imagem, uma “logomarca da empresa” que fosse símbolo e síntese de nossas visões. Na busca pelo google - entre diversas imagens fascinantes de ícones femininos com os 2 braços levantados em formato de “VAV” - escolhi esta imagem de uma mulher alada, com serpentes na cabeça, patas de águia sobre um leão de 2 cabeças, simetricamente acompanhados por duas corujas. Foi então que vim a saber que se tratava de uma das primeiras representações de Lilith ou Inana feita no período sumeriano (cerca de 2.000 a.c.)<sup>17</sup>.

Este é mais um momento de dobradura do que a consciência trouxe para uma percepção ainda

não consciente. Escolher Lilith- Inanna como imagem central da VAV pode ser reconhecido como uma causalidade reversa<sup>18</sup> e um acontecimento quântico – de potência transcendente (Goswami,2008:140). Nas “escavações” anteriores à logo da VAV, eu buscava justamente desvendar os interesses que estavam por trás da substituição do culto das divindades femininas por mitologias e estórias misóginas que apresentavam a mulher como responsável pelo pecado original. Lilith, Eva e Pandora se tornam personagens centrais das Avis da VAV, por serem chaves cruciais para a reconstrução dessa passagem. Lilith e Pandora fazem parte da cosmovisão de povos arcaicos pré-cristãos que cultuavam os múltiplos aspectos femininos tanto os “luminosos” quanto os “obscuros”. Nessas cosmologias os aspectos das divindades femininas não eram classificados como bons ou ruins, positivos ou negativos; assim como as



Lilith zapata (rosa choc block), argila, tinta acrílica e collarjet sobre tela, 50cm de diâmetro, Livia Moura, 2018.

manifestações meteorológicas e os ciclos da natureza, essas eram forças que regiam a vida dos seres humanos. Nas raízes da cultura ocidental patriarcal, os aspectos obscuros da Deusa que tinham em Lilith e Inanna uma influente personificação, foram banidos porque ameaçavam (e ainda ameaçam) a manutenção do sistema patriarcal que buscava se impor e se manter.

Lilith e Inanna são antigas personificações do aspecto sombrio da Deusa, derivada dos assírios-babilônicos, mas que provavelmente tem suas raízes arquetípicas em períodos ainda mais remotos. Nas bíblias agnósticas Lilith aparece como “irmã” e primeira mulher de Adão, ambos feitos do mesmo barro. Nessas primeiras versões da Bíblia ela não teria aceitado se submeter ao marido e teria fugido do paraíso para ter relações com demônios no mar vermelho. Mas teria voltado sob a forma de serpente para aconselhar Eva a comer do fruto da sabedoria (a maçã) da árvore da vida (a árvore proibida) (Eisler, 2012). Segundo a antropóloga e historiadora Riane Eisler, graças a um hábil processo de re-mitização o conhecimento se torna pecaminoso e a imagem de entidades como Lilith, Pandora e Inanna precisaram ser denegridas ou demonizadas (Eisler, 2012:199). Este processo, descrito no livro “O cálice e a espada” de Riane Eisler, teria se espalhado a partir de 3.500 a.c. por todo o berço da cultura ocidental:

No Oriente Médio, antes da Mesopotâmia e a Canaã, e sucessivamente nos reinos hebraicos da Judeia e Israel, foram os sacerdotes a reelaborar as antigas estórias e a reescrever os códigos das leis. Como

na Antiga Europa, esse processo começou com as primeiras invasões andocráticas [cerca de 3.500 a.c.] e prossegue por milênios, enquanto o Egito, a Suméria, e todos os territórios da Meia Lua Fértil [região entorno ao mediterrâneo] vinham sendo progressivamente transformadas em sociedades de domínio masculino. Como já é amplamente documentado pelos pesquisadores bíblicos, este processo de re-mitização ainda estava em ato em 400 a.c. período no qual, segundo os estudiosos, os sacerdotes hebreus reescreveram pela última vez a Bíblia hebraica (Antigo Testamento)<sup>19</sup>.

(Eisler, 2012:173)

A partir dessa ótica, pode ser interessante voltar a ler versículo 3 do livro Gênesis, onde está contido o famoso diálogo em que Lilith, sob a forma de serpente, teria aconselhado Adão e Eva a comer do fruto da sabedoria da árvore da vida:

A cobra era o animal mais esperto que o Senhor Deus havia feito. Ela pergunta à mulher:

-É verdade que Deus mandou vocês não comerem as frutas de nenhuma árvore do jardim?

A mulher respondeu:

- Podemos comer as frutas de qualquer árvore, menos a fruta da árvore que fica no meio do jardim. Deus disse que não devemos comer dessa fruta, nem tocar nela. Se fizermos isso morreremos.

(Bíblia, 2000)<sup>20</sup>

É de se notar que o medo é aqui, como em todas as sociedades de controle, um instrumento eficaz de dominação. Mas o diálogo prossegue e Lilith afirma:

-Vocês não morrerão coisa nenhuma! Deus disse isso por que sabe que, quando vocês comerem a fruta dessa árvore, os seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecendo o bem e o mal.

(Bíblia, 2000)<sup>21</sup>

E Eva segue os conselhos da cobra:

A mulher viu que a árvore era bonita e que suas frutas eram boas de se comer. Ela pensou como seria bom ter entendimento. Aí apanhou uma fruta e comeu; e deu ao seu marido, ele também comeu. Nesse momento os olhos dos dois se abriram, e eles perceberam que estavam nus.

(Bíblia, 2000)<sup>22</sup>

O livro Gênesis poderia ser visto como um testemunho de uma das mais importantes “gênesis do patriarcado”. Mulheres livres sexualmente e pessoas emancipadas que comem do fruto da sabedoria, dificilmente são controladas e escravizadas. Nos estudos a respeito dos arquétipos na psicologia, Lilith encarna justamente a nossa sombra, nossos instintos latentes negados, nos mostrando aquilo que não enxergamos, aquilo que desconhecemos ou evitamos entrar em contato. Ela é o aspecto feminino que desce às



Kundalini Interna, argila, tinta acrílica e colorjet sobre tela, 160cm de diâmetro, Livia Moura, 2018.

dimensões inferiores, subterrâneas e entra em contato com a morte, a energia terrena mais bruta e carnal (Pires, 2008). E é por conta disso que, na lógica dicotômica católica, ela é associada ao demônio.

As energias arquetípicas arcaicas não eram positivas ou negativas, assim como na astrologia, elas são uma energia potencial que pode ser usada para o alinhamento ou desalinhamento da energia vital. Os estudos atuais sobre astrologia apresentam Lilith como a “lua oculta”, a nossa kundalini (serpente de energia) interna mais profunda e poderosa, nossa energia sexual vibracional. Assim como saturno, ela representa circunstâncias limitadoras e disciplinadoras que nos forçam a atitudes realistas: Lilith - emocionalmente; Saturno - materialmente. Ela representaria nossos instintos mais primitivos, instintos que negados se transformariam em patologias.

Os estudos sobre os arquétipos na psicologia associa Lilith à nossa força feminina interna banida, que ameaça o aspecto controlador da sociedade, mas que negada pode provocar atitudes gratuitas, impulsivas e injustas. O lado luminoso da Deusa - a mãe-virgem boa e compassiva - foram preservados pela cultura ocidental na imagem da Virgem Maria, mas o lado obscuro, Lilith, fora banido. Ela remontaria ao nosso lado mais sombrio, nebuloso e indecifrável, influenciando um nível mais profundo de nossa consciência humana: o dos instintos não revelados (Sicuteri, 1998).

Por sincronicidade, Lilith reúne em si os 3 eixos principais da VAV, que foram se clareando somente agora que escrevo essa tezine: descolonização do imaginário patriarcal, alfabetização emocional e economia da energia Vital. E, através de estudos holísticos, estamos entrando em sintonia com pensadores que afirmam estarmos num momento de resgatar e reinventar esses arquétipos banidos, como descreve o livro “A mulher do século XXI: O resgate de Lilith” de Rosa T. Bonini de Araújo. Assim como seus aspectos astronômicos, astrológicos e arquetípicos, mergulhar nos estudos sobre Lilith é uma operação misteriosa, imperscrutável e inquietante.

## Arqueologia encarnada do projeto pedagógico da VAV

É essa a tecla fundamental do novo conceito de anti-arte: não martelar contra a arte do passado ou contra os conceitos antigos (como antes ainda uma atitude baseada na transcendência), mas criar novas condições experimentais, em que o artista assume o papel de “proposicionista”, “empresário” ou mesmo “educador”. (Hélio Oiticica, 2006:167)

O workshop para artistas educadores que algumas das integrantes da VAV (Carol Cortes, Pilar Rocha, Bianca Bernardo e Livia Moura) partici-



param em 2008 - sob a curadoria de Eugênio Valdez, Márcio Botner e Kátia Maciel - foi um divisor de águas nas nossas atuações profissionais, pois propunha uma transversalidade entre arte, educação e engajamento social. Essa transversalidade que até hoje costuma ser regida por oposições hierarquizadas, onde a educação e o trabalho social são categorizados como subalternos e a arte, por sua vez, como emancipadora, voltada para espíritos livres. Valdéz pretendia com o workshop, justamente, dar acento não à inteligência do artista, mas estimular a inteligência do público (Valdez, s/d). Segundo o curador essa tarefa estimularia muito mais a inteligência dos artistas do que se poderia conseguir com o narcisismo tradicional (Valdez, s/d). Considerando que a arte é, antes de tudo, comunicação e que portanto teria uma didática implícita, uma missão educativa inexoravelmente integrada, Valdéz afirmou durante um simpósio que:

Arte e Educação não são coisas distintas. São especificações distintas de uma atividade comum. (...) temos que introduzir noções pedagógicas na arte para afinar o rigor da criação e para melhorar a comunicação com o público que o artista quer se dirigir. O fato é que não existe verdadeira educação sem arte, nem verdadeira arte sem educação. (...) O formato desse simpósio é para que nos escutemos, nos conheçamos e destruamos os preconceitos obscurantistas. É para que consigamos integrar arte e pedagogia, artistas e professores.”  
(Valdez, s/d)

Essa inflexão da arte, que se situa em consonância com as transformações do espírito do nosso tempo, seria o que Pablo Helguera - curador pedagógico da 8ª Bienal do Mercosul (2011)- chamaria de “pedagogia radical”, “uma pedagogia no campo expandido” ou uma “transpedagogia” (Helguera, 2011):

[...] a Bienal propõe a tentativa metafórica de “reterritorializar” – termo utilizado por Deleuze e Guattari para indicar os processos pelos quais se desconstrói uma velha ordem e se estabelece uma nova – o campo da pedagogia no âmbito das artes visuais. Da mesma forma, faz referência ao influente ensaio de Rosalind Kraus, *Sculpture in the Expanded Field* [A escultura no campo expandido], no qual é articulada a necessidade da prática artística de quebrar os parâmetros expositivos convencionais. Vários anos depois, foi sugerido que esse campo expandido, “reterritorializado”, da arte tivesse um caráter social, no qual a pedagogia ocupasse um lugar central como instrumento de comunicação, reflexão e, nos termos de Paulo Freire, conscientização.

(Helguera apud Gogan e Vergara, 2015: 11)<sup>25</sup>

Apesar de admirar e apreciar os projetos que acompanhamos e escrevemos na Casa Daros em 2008 sentia que essa virada para uma “pedagogia radical” não tinha sido feita por completo, acontecendo ainda de modo mais superficial e conceitual do que efetiva e empática. A manipu-

lação do outro pelo artista, a falta de uma verdadeira escuta do ambiente, o uso daquela relação para uma posterior exposição em uma instituição renomada de arte, não me convenciam por completo. Trabalhar com grupos sociais é um campo extremamente delicado e pouco explorado até então pelo circuito de “arte contemporânea legitimado”.

As reflexões feitas por Paulo Freire são extremamente úteis para esse tipo de articulação, quando o autor afirma que:

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo.

(Freire, 1981: 79)

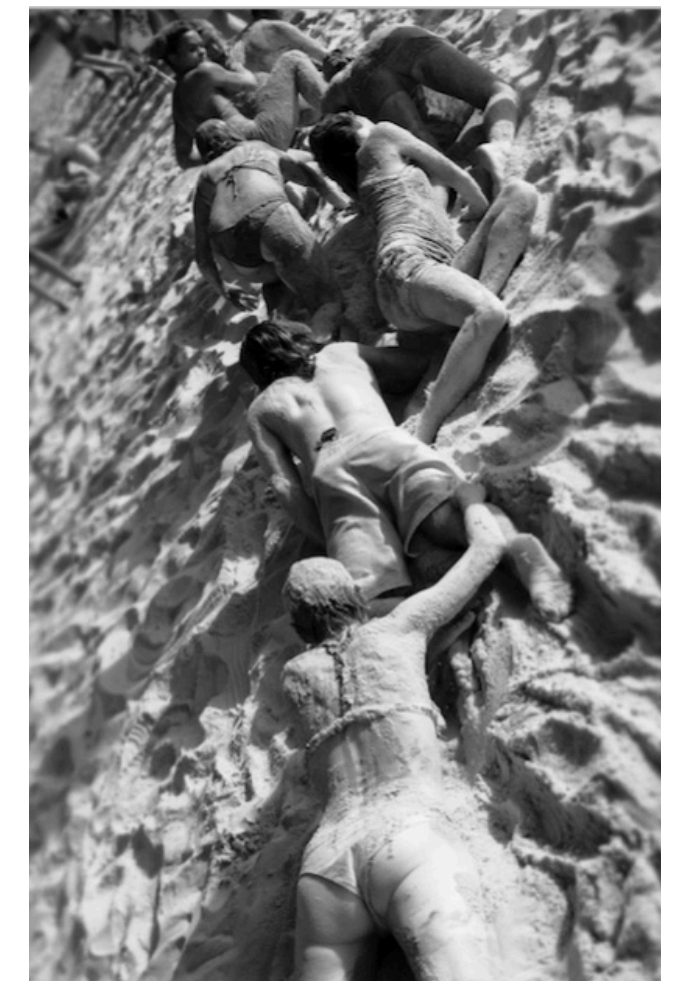
É importante que esse tipo de trabalho seja feito com cuidado para que se estabeleçam relações e processos de lideranças horizontais, sem impor uma ação imperialista e nem paternalista por parte do artista. E mudar a perspectiva do artista que está trabalhando **para** um grupo social, mas **com** esse grupo social, horizontalizando as relações de troca.

A VAV exercita essa dissolução das fronteiras entre o papel do artista proponente em contraposição ao público colaborador. Isso ocorre entre os próprios integrantes da VAV, mas também entre o “público externo”, que muitas vezes, antes de perceber, já se torna um de nossos acionistas especuladores.

Nosso intuito é cultivar, o que Walter Mignolo chama de “desprendimento epistemológico”: a

emancipação, a liberação e a descolonização do nosso agir e pensar tanto individual como coletivo (Mignolo, 2010). O ponto de vista auto-centrado do artista com suas verdades universais poderiam ser substituídas por “pluriversalidades”. Segundo Mignolo:

O desprendimento é urgente e requer uma virada epistêmica descolonial (que está em curso em distintas regiões do planeta)



Doce: ritual de sublimação do asfalto ao mar, Ipanema, Rio de Janeiro, 2015. Fotografia: Zepka.

levando os conhecimentos adquiridos por outras epistemologias, outros princípios de conhecer e de entender e portanto, outras economias, outras políticas e outras éticas. A “comunicação intercultural” deve ser interpretada como comunicação inter-epistêmica (...). Além disso, se desprender pressupõem mover-se em direção à uma geopolítica e uma corpo-política do conhecimento, que por sua vez denuncia a pretendida universalidade de uma etnia em particular (biopolítica) localizada em uma região específica do planeta (geopolítica), ou seja, a Europa, onde o desenvolvimento do capitalismo foi consequência do colonialismo. A noção de desprendimento guia a virada epistêmica descolonial em direção à uma outra universalidade, ou melhor, em direção a uma pluriversalidade como projeto universal.

(Mignolo, 2010: 17)<sup>26</sup>

Na última década essa noção de desprendimento vem guiando cada vez mais um desejo epistêmico descolonial, amadurecendo as interfaces entre pedagogia, arte e sociedade. A construção etnocêntrica patriarcal da história e da arte vem cada vez mais sendo corroída e descolonizada por narrativas de múltiplas vozes, onde tecidos não lineares vem sendo tramados. Essa postura merece ser alinhada com a produção crítica de intelectuais e agentes latino-americanos - tais

como Walter Mignolo, Enrique Dussel, Santiago Castro-Gómez Ramón Grosfoguel e Luiz Guilherme Vergara- como inflexão (giro) para o pensamento descolonial. Walter Mignolo afirma:

O argumento básico (quase um silogismo) é o seguinte: se a colonialidade é constitutiva da modernidade, posto que a retórica salvacionista da modernidade já pressupõe a lógica opressiva e condenatória da colonialidade (daí os condenados de Fanon), essa lógica opressiva produz uma energia de descontentamento, de desconfiança, de desprendimento entre aqueles que reagem diante da violência imperial. Essa energia se traduz com projetos descoloniais que em última instância também são constitutivos da modernidade. A modernidade é uma hidra de três cabeças, mesmo que mostre somente uma: a retórica da salvação e do progresso.

(Mignolo, 2007:26)<sup>27</sup>

No Brasil, a revista do Instituto MESA (de Luis Guilherme Vergara e Jessica Gogan) e a recente publicação do livro “Domingos da Criação: uma coleção poética do experimental em arte e educação”, organizado por Jessica Gogan e Frederico de Moraes, são uma consistente contribuição para artistas que buscam uma genealogia de trabalhos que transitam entre arte engajada e educação nas suas transbordadas. As publicações apresentam experimentações artísticas que

vêm revirando hierarquias políticas, culturais e sociais em práticas emancipadoras, que promovem esse desprendimento epistêmico descolonial citado por Mignolo. No trecho do artigo inaugural da revista MESA, os editores afirmam:

O famoso desenho do artista Uruguaio Torres Garcia, Mapa invertido da América do Sul, 1936, onde o norte está ao sul e o sul ao norte, hoje poderia ser inspirador para uma cartografia de reversibilidade ou simultaneidades - centro/periferia. Outras dicotomias ou hierarquias de fronteiras entre criação-criadores / recepção-espec-

tadores igualmente estariam sendo reviradas. (...) Neste cenário, as cidades e os espaços públicos ressurgem na última década como campo de pulsação vital de invenções e negociações políticas, estéticas e éticas.

(Gogan e Vergara, 2015:5)<sup>28</sup>

Após esse workshop na Casa Daros, acima citado, me coloquei em busca dessa transborda do sistema de arte. Maergulhandi num trânsito transcultural e transtemporal, em regiões marcadas por civilizações antigas. Nas idas e vindas a mosteiros budistas, vilarejos antigos, meditando



Triciclo Imantado durante a intervenção “ Banco de Energia Vital”, Bhering, Rio de Janeiro, 2017.



# ATENÇÃO

Um acontecimento provocou uma... emoção defensiva (raiva, medo, tristeza ...). A emoção é um hóspede involuntário, não podemos controlar a chegada dela, mas podemos: observar, reconhecer e aceitar sem julgamento.

semáforo das emoções

# RECICLAGEM

Nada se perde, tudo se transforma. Não podemos evitar a chegada das emoções mas podemos redirecionar essa energia para transformar e melhorar a situação. Como você recicla seus sentimentos?

# AÇÃO

Todas as emoções são aceitáveis, mas nem todas os comportamentos são aceitáveis. Como podemos reagir de modo que não sejamos nem passivos e nem violentos?



Imagens do processo do laboratório de "Reciclagem da Emoções", Ping festival, com Livia Moura, Raquel Azoubel, Liborio Justo e Gabriela Macena, Rio de Janeiro, 2017.



Encontro com ceramistas do projeto Pandora Ritrovata, focalizado por Livia Moura, Salerno, Itália, 2012.



Meditação no laboratório de Alfabetização Emocional na Escola Vidigal, Livia Moura, Rio de Janeiro, 2018.



Imagens do ritual para o Portal de Limpeza da Cidade de Jhacira X, Bhering, Rio de Janeiro, 2017

e me desconstruindo, desapegando e me desprendendo, fui revirando meu ego de cabeça para baixo. E foi dessa forma, entre inúmeras errâncias e estudos, cuidando de hortas e participando de projetos sociais, trocando moradia por serviços, cuidando de crianças e fazendo cerâmica, que fui gestando os estudos e conceitos que desembocaram na VAV. É nesse período (2008 e 2012) que surgem as questões ligadas a uma prospecção neolítica e transmoderna alinhada aos estudos sobre o decrescimento econômico<sup>29</sup>. Como uma artista viajante, atravessando continentes e saberes (des)temporâneos, abrindo caminho e contato com fluxos e focos nos movimentos de ressonâncias com uma inflexão descolonial, venho tecendo intuitivamente novos sentidos para a arte ligados a rituais de iniciação humana.

Estamos entrando na era dos rituais, mas rituais que não necessariamente irão se repetir. Todos somos capazes de criar rituais a partir dos gestos cotidianos; a VAV é justamente esse exercício de praticar as cerimônias espirituais despidas de dominações ou tradições religiosas já instituídas. Através da observação das manifestações naturais, com a intenção justa, os gestos cotidianos podem ter o poder simbólico e concreto de plasmar a realidade e sublimar o sofrimento. Potencialmente todos esses gestos, presentes nas nossas Avis, podem se transformar rituais de iniciação humana:

rasgar  
queimar  
desatar nós  
enlamear-se  
modelar

quebrar  
desfilar  
costurar  
cozinhar  
enterrar  
desenterrar  
plantar  
desenhar  
rir

O papel do artista aqui se aproxima do papel de um bodhisattva. O bodhisattva, para a tradição Zen, é um personagem que fica na porta do paraíso trabalhando para que todos possam entrar; os votos de bodhisattva consistem basicamente em atingir a iluminação somente depois que todo mundo a tenha alcançado. A tradição Zen de tipo *mahayana* prega um engajamento no mundo, diferente das tradições orientais *hinayanas* que buscam a auto-realização através do isolamento. As tradições *hinayanas* se assemelham mais ao papel do artista que se mantém isolado no seu atelier, participando de exposições em museus, feiras e salões. Mas ambos os caminhos podem e devem continuar atuando paralelamente, sem julgamentos hierarquizantes. Mas a inflexão planetária aponta para práticas que emancipam os praticantes, que se tornam cada vez menos dependentes das diretrizes de um líder, mestre ou artista. E que tendem a dialogar, se transformar e se adaptar a outras vertentes.

As errâncias, processos e vivências que desenvolvi entre 2008 e 2012 culminaram em projetos feministas engajados, como o *Pandora Ritrovata* (2012) e laboratórios em escolas sobre alfabeti-

zação emocional, que continuam sendo desenvolvidos até hoje. Por conta desses processos co-autorais, surgiu a necessidade de criar e atuar artisticamente em coletivo ou grupo. Uma virada epistêmica e ontológica se realiza pelo entendimento de uma dobradura crítica e ética do autoral para o co-autoral, onde a prática artística se amplia como proposições para co-criações, colaborações e práticas engajadas. A VAV surge para intitular ações que articulo, mas que fogem da minha autoria individual, onde minha assinatura como Livia Moura não faz mais sentido. Antes do *workshop* da Casa Daros (2008), eu já vinha fazendo contato com este movimento para fora das zonas de conforto da prática artística individuais, mas que precisava de uma boa base em estudos sobre os relacionamentos intra e interpessoais para que fosse legítima. Essa base se adensou e me permitiu avançar graças às experiências que me atravessaram no volun-

tariado em projetos sociais, retiros, vivências comunitárias, estudos e práticas budistas. Processos esses que ainda continuam constantemente me atravessando com a maternidade, os estudos do mestrado, as ações da VAV, etc. Estas experiências apontam também para uma necessidade de trabalho coletivo, a formação não apenas de um grupo, mas de uma consciência de grupo, atraídos mutuamente por interesses e intuições comuns.

Este acontecimento coloca em jogo viradas conceituais e éticas para o papel do artista - como propositor agente de co-criações coletivas, produzindo novos vínculos de solidariedade. Não se trata de um artista transgressor promovendo apenas deslocamentos ou desobediências sem mudanças epistêmicas, mas fundamentalmente um devir ontológico que começa a partir do próprio papel do artista ou da arte. Tal como artista especuladora atuo pela realização de especu-



Ritual "Aurora", Raquel Azoubel, Abre Alas 14, A Gentil Carioca, 2018.

lações imaginárias, sendo sujeito (protagonista-autora das “polissociações” intuitivas) e ao mesmo tempo, estando sujeita a antecipação de futuros não ainda conscientes. Neste caso me coloco dentro de um processo de reversibilidade causal ou causalidade reversa (Deleuze e Guattari, 2003) de mim mesma para uma prospecção das viradas e reconfigurações do sentido público da arte e do artista.

## O nascimento da VAV

A necessidade de criar a VAV surge em 2013, da vontade de participar de uma onda planetária de reivindicações. Em meio às grandes efervescências provocadas pelos movimentos sociais, impossibilitada de me juntar às mobilizações por conta dos cuidados maternos e da vida doméstica, promovi encontros em casa com amigas artistas que eu admirava. Apresentei, nessa ocasião, as especulações iniciais sobre a VAV, ainda em estado latente, para discutirmos juntas

sobre a importância da mulher e da mãe numa arte que estivesse à serviço da sociedade e que atuasse com princípios éticos e responsáveis.

Nessa foto/performance abaixo os homens de negócio foram engolidos, são corpos ausentes ocupados por artistas mulheres (da direita para esquerda): Carol Cortes, Ana Resende, Bianca Bernardo, Lívia Moura, Adrianna Eu, Pilar Rocha, e Adriana Tabalipa<sup>30</sup>. Nesse momento estávamos fecundando os principais eixos da VAV, que permanecem até hoje.

Somos, desde a formação, um **mãenifesto**, uma rede de apoio entre pessoas nos cuidados umas com as outras, com seus filhos e projetos. Materializando sonhos, trazendo para a terra o dom de doar virtudes que cada um de nós tem

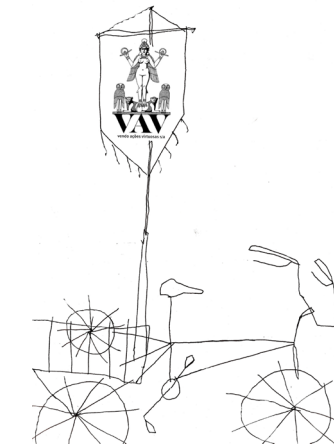
O exercício da VAV é resgatar no nosso DNA os princípios de abundância que prega o *Su-mak Kawsay* (“bem viver”); integrando as esferas econômicas, políticas e espirituais. O “Bem Viver” nas tradições andinas incorpora uma di-

menção ética e holística ao relacionamento dos seres humanos tanto com a sua própria história, quanto com a natureza. Além disso, outra prática social e econômica seria o cultivo das relações de reciprocidade. Luis Maldonado se refere a reciprocidade da seguinte forma:

Esta instituição é o pilar fundamental que sustenta a forma de vida dos povos indígenas. Sua prática é muito ampla e vigorosa. A reciprocidade nos Andes se entende como a capacidade de saber dar para receber e receber para dar. A reciprocidade é uma prática de prestígio social, de abundância econômica, de legitimidade política e de fortaleza espiritual. Através dela se redistribuem os excedentes e conquistando um equilíbrio social das relações de reciprocidade.

(Maldonado, [2010] 2014:200)

Em 2017, o professor da UFF Luiz Falcão nos trouxe o conceito do trabalho intitulado “Espaços Imantados” da Lygia Pape, onde a artista reflete



Desenho do Triciclo Imantado  
Clarice Rosadas, 2017.

sobre esses centros magnéticos que se formam em torno de ambulantes e artistas de rua. Por conta disso, batizamos o triciclo que havíamos acabado de adquirir de “Triciclo Imantado”; com a visão de uma escultura móvel geradora de um centro magnético de interações nômades. Além disso, o tri-ciclo é constituído por 3 círculos, como os 3 círculos vermelhos da bandeira da paz, como os 3 triângulos da sigla VAV e os 3 eixos da nossa ética tripartida. São 3 círculos que podem ser também expandidos para as relações de atrações mútuas entre pessoas afins e campos de atuação que vão se agregando e tecendo redes e pontes.

Desde a sua criação em 2013 a VAV permanecia mais no plano da ideias e vontades do que propriamente das ações. E o Ovni VAV aterrava efetivamente nesse planeta no dia 20 de junho de 2017, abençoados e inundados pelo maior

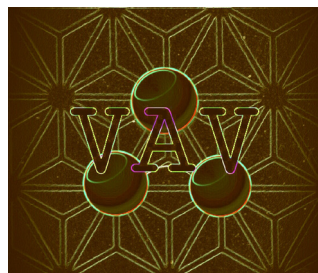
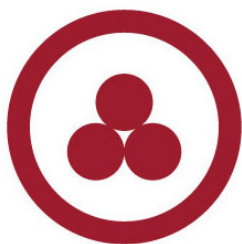


Configuração VAV 2013, Carolina Cortes, Ana Resende, Bianca Bernardo, Lívia Moura, Adrianna Eu, Pilar Rocha e Adrian Tabalipa.  
Fotografia Ana Resende

## O Triciclo Imantado numa inauguração inundada



Coletor de Angústia, desenho sobre papel, Clarice Rosadas, 2017



Bandeira da Paz e geometria sagrada da VAV.

dilúvio do ano. Numa parceria com Luiz Guilherme Vergara (Luiz Falcão) e seus alunos de graduação da UFF, “lançamos” nesse evento o “dia Internacional do Decrescimento Feliz na praça XV”, centro do Rio de Janeiro<sup>31</sup>. Estreamos nessa mesma intervenção o nosso “Triciclo Imantado” e os laboratórios experimentais dedicados à concepção de uma ativismo público da VAV. Nesse dia entrelaçaram-se AVis em torno do interesse em criar modos de mediação e interação entre artistas, camelôs e os transeuntes da praça XV.

Essas Avis misturavam a venda de produtos, discussões sobre novas economias, trocas afetivas, terapêuticas e poéticas. Ressalta-se nesta noite o transbordamento entre realidade e ficção em todos os sentidos. A intervenção sobreviveu (arduamente) ao maior dilúvio que caiu no ano de 2017, que acabou provocando enchentes em diversas zonas da cidade.

E durante o evento, meu filho de 3 anos engoliu uma moeda de 50 centavos e tive que voltar correndo para casa, em meio a cidade alagada para busá-lo e levá-lo ao hospital; onde disseram que a moeda sairia pelo cocô.

Nessa aterrissagem da VAV se realizou uma



lambe-lambe feito no Colaboratório da Escola de Desenho Industrial da UERJ, 2017



Carol Cortes durante a Intervenção do Dia Internacional do Decrescimento Feliz na Praça XV, Rio de Janeiro, 2017

transfiguração entre realismo mágico e lavagem (espiritual) de dinheiro em ressonância com as mandalas de sal grosso (de Jhacira X) diante do prédio da bolsa de valores.

## Prospecções rizomáticas

Em verdade, a terra ainda se tornará um local de cura! E já há um odor difuso em torno dela, um odor curativo – e uma nova esperança.

(Nietzsche, 2011:81)

Desde essa primeira intervenção urbana semi-catastrófica inaugural, a VAV vem germinando novas frentes de ações rizomáticas e se tornando uma plataforma de múltiplas vozes. A VAV é um caldeirão onde estão sendo cozinhados os ingredientes mágicos que cada um traz para o almoço. Entre afetos e desafetos, conflitos e cuidados, trocas de saberes e sabores vamos germinando nossos rizomas e derivas. Poderia gastar filas e filas de palavras sobre cada um dos nossos eventos e acionistas com suas respectivas contribuições fundamentais para esse corpo de múltiplos corpos. Mas prefiro deixar que eles se apresentem e ocupem esse espaço por si só nos seus artigos das VAVzines e nas suas proposições virtuosas.

Como propositora e pesquisadora adoto esse processo artístico como ritos de passagens, transformações epistêmicas e ontológicas que atravessam os modos de ser em desdobramen-

tos de mim mesma; intrínsecos e extrínsecos à iniciação acadêmica. A licença poética do processo artístico, a ruptura e a desobediência epistêmica dão corporeidade ao formato não linear de escrita dessa teze. E, assim como meu lugar de fala, são consistentes com o posicionamento ético-estético de transbordadas. A tese foi adotada como plataforma espaço-temporal de escrevivência, termo cunhado pela escritora Conceição Evaristo. Cruzadas por indeterminação, derivas dos acontecimentos, que desalinham uma organização cartesiana determinística. Na medida em que se articula em enunciações e reflexões das práticas e se configura como útero em gestação de conceitos da VAV. Tudo está em estado de invenção e transformação latentes, como extensões de Ações Virtuosas.

Além disso, a VAV está sendo gestada como um espaço poli sêmen e polissêmico, a partir de intuições e afetações coletivas e, portanto, imprevisíveis; que desafiam valores estabelecidos da arte, educação e economia, através de micro-geografias de ações compartilhadas. Acho importante que essas escritas venham sendo uterinas e encarnadas por ações e indagações intuitivas geradoras de transformações indissociáveis dos modos de existência, primeiramente, dos acionistas- propositores e sujeitos deste processo. E como tal, exige e existe como ética e coerência estruturante da linguagem, experiência e consciência da VAV, alimentada pelas prospecções reflexivas de nossas motivações. As publicações da VAVzine buscarão justamente

tatear esse emaranhado transtemporal na construção do realismo mágico da VAV em sintonia com o *zeitgeist*, espírito do tempo.

Os desenhos e instalações de redes rizomáticas que venho tecendo desde 2005 em desenhos, instalações e performances também podem ser considerados como uma cartografia de um devir coletivo da minha trajetória artística conjugada pelas redes de conexões da VAV. Conexões essas que se proliferam de maneira inusitada, sendo guiadas pelo princípio da errância, que se desdobra eticamente entre atração (imantado) e irradiação (doação virtuosa). E a nossa maior

vontade de potência tem sido justamente a criação de redes de apoio e pontes de cura entre os participantes. O nosso desejo mais sincero é que essas relações possam se alastrar cada vez mais para camadas mais sutis e dimensões mais profundas e íntimas, participando da onda de regeneração planetária.

Invistam em Ações Virtuosas

e

Amem

Amem todas as formas de vida



Rio Doce: ritual de sublimação do asfalto ao mar, Ipanema, Rio de Janeiro, 2015. Fotografia: Zepka.



Lambe-lambe VAV



## notas

1. O termo “Pós- modernidade arcaica” faz referência aos conceitos de Mario Pedrosa sobre a obra de Hélio Oiticica.
2. Em algumas passagens utilizei o “x” por uma afirmativa política, deixando aberto ao leitor a escolha de gênero da palavra. Somos um grupo constituído sobretudo por mulheres, o que nos gera um certo incômodo e contradição escrever “os acionistas da VAV”.
3. A palavra “ T(t)erra” é um termo criado pela artista Luiza Luz.
4. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/superblog/frase-da-semana-8220-a-imaginacao-e-mais-importante-que-o-conhecimento-8221-einstein/>  
Pesquisado em: 03/02/2017
5. Mario Pedrosa, costumava afirmar que a “a arte é o exercício experimental da liberdade”.
6. Ética tripartida é uma expressão utilizada por Luiz Guilherme Vergara onde ética tripartida seria a convergência entre criatividade, heterogeneidade e solidariedade. In:  
VERGARA, Luiz Guilherme. Dilemas éticos do lugar da arte contemporânea. Acontecimentos solidários de múltiplas vozes. VISUALIDADES, Goiânia v.11 n.1 p. 59-81, jan-jun 2013.
7. Como os objetos relacionais, as arquiteturas orgânicas, a Cabeça Coletiva e tantos outros.
8. “Eva Por Ar: o sonho da terra por debaixo do asfalto” foi o título de uma das minhas individuais em 2015 na galeria Inox.
9. Existem inúmeros homens que decidem não exercer a paternidade por diversos motivos, inclusive profissionais, mas essa mesma decisão feita por uma mulher ainda é extremamente mal vista na nossa sociedade. Conta-se que o Buda histórico deixou a mulher e a família para buscar seu caminho espiritual. Mas existem casos também de mulheres que podem decidir abrir mão da maternidade ativa por diversos motivos e isso não é necessariamente uma decisão a ser julgada de maneira negativa. É o caso de Maria Montessori (1870-1952) que deixou o filho com a família para estudar medicina. Naquele período, era impossível conciliar estudos acadêmicos com a maternidade e Montessori veio a se tornar uma das pedagogas mais importantes do nosso tempo.
10. Tradução livre da entrevista com Vandana Shiva disponível em:  
< <https://youtu.be/GyMHCDqiKGw>>  
pesquisado em: 28/01/2018
11. Tradução livre da letra da música “La Libertà” de Giorgio Gaber
12. Disponível em: <https://www.kabbalahinsights.com/en/kabguide/17-english-categories/kabbalah-tools/42-names-divination/125-alef-vav-mem>  
pesquisado em: 27/04/2018  
tradução livre
13. O Tabernáculo teria sido usado enquanto o povo de Israel viajava pelo deserto, desde o tempo do Êxodo do Egito até a chegada na terra de Canaã.
14. Torá é o conjunto dos primeiros cinco livros da Bíblia e é a base da religião judaica.
15. Disponível em: <http://aluz.weebly.com/a-letra-vav.html>  
pesquisado em: 27/04/2018

16. Disponível em: [https://youtu.be/FKnn\\_TEShKA](https://youtu.be/FKnn_TEShKA)

pesquisado em: 27/04/2018

17. Essa imagem é mais frequentemente associada a Lilith, mas podem ser encontradas também referências a Inanna. Mas, segundo historiadores, nas sociedades arcaicas, culturas diferentes podiam associar a mesma imagem a diferentes entidades. De qualquer modo, Lilith e Inanna estão intimamente ligadas, pois ambas tem o leão como símbolo e são associadas aos aspectos sombrios da Deusa, a descida aos mundos inferiores.

18. “Causalidade reversa” é um conceito criado por Deleuze e Guattari em que se reconhece a emergência do devir (“become”) como potência da arte, conjugando desterritorialização e reterritorialização. Na reversibilidade entre sentidos de tempo, o acontecimento da territorialização antecipa o futuro no presente como emergência do devir (become). Com a conceituação de Deleuze para “causalidades reversas” procura-se abordar o acontecimento do porvir e transformação da arte pela territorialização, conjugando simultaneamente a resignificação do passado pela experiência territorializada do presente, da mesma forma do futuro sobre o presente, subvertendo o sentido linear do tempo. (Deleuze e Guattari, 2003)

19. Tradução livre.

20. Antigo Testamento, livro gn,cap3, vers 1 e2

21. Antigo Testamento, livro gn,cap3, vers 4

22. Antigo Testamento, livro gn,cap3, vers 6 e7

23. Disponível em:

<https://danirossi.wordpress.com/astrologia/289-2/>

<http://portal2.org.br/lilith/>

<http://frequenciaufologica.blogspot.com.br/2009/01/lilith.html>

pesquisado em: 11/11/2017

24. Tradução livre

25. Disponível em: <http://institutomesa.org/revista-mesa/>

26. Tradução livre

27. Tradução livre

28. Disponível em: <http://institutomesa.org/revista-mesa/>

29. O decrescimento econômico faz parte de movimentos que buscam sair do paradigma do crescimento econômico infinito, desenvolvendo a autonomia criativa, a cooperação e a convivência. Estaremos discutindo mais sobre esses assuntos na VAVzine 2.

30. A ideia dessa foto, com todas vestidas de terno, foi sugestão da Bianca Bernardo e produzida por Ana Resende, fotógrafa profissional. O mais simbólico, não foram os ternos de segunda mão e a falta de intimidade com eles, as havaiana por debaixo, os banquinhos para alinhar todas no mesmo tamanho e as crises de gargalhadas enquanto provávamos o figurino démodé. Foi algo que não aparece na foto: o fotógrafo. Quem sobrou para tirar apertar o botão foi o filho da Bianca ( que na época tinha uns 5 anos) no momento em que meu filho de 7 meses nos dava uma trégua dormindo na rede

31. A ideia de inventar, ou melhor, lançar esse dia foi de Luiz Falcão e desde então permanecemos com a intenção de celebrar todo dia 20 de junho, como o dia do decrescimento econômico.

# VAVzine n.2

## economia da energia vital

Vendo Ações Virtuosas é uma empresa  
de lavagem de dinheiro  
na bolsa de valores  
éticos  
para o desenvolvimento sustentável da economia  
da energia vital

Imagem capa: EVA POR AR: O Sonho da Terra por debaixo do asfalto, desenho sobre  
fotografia Lívia Moura, 2016. Fotografia: Ana Razende

Nessa segunda edição da VAVzine abordamos questões relativas à transição do atual sistema econômico. Como o crescimento não pode se sustentar por muito tempo num planeta com reservas finitas, o colapso pode ser uma oportunidade para uma inflexão, na construção de novas organizações pautadas pela cooperação e a preservação do meio ambiente. Na cosmovisão da VAV a transição do sistema econômico está interligada com o conceito de abundância numa visão holística que integra arte, alfabetização emocional e a descolonização do imaginário patriarcal.

Partindo do pressuposto de que todos podemos ser criadores e materializadores de novas realidades, esta 2ª edição estará focada em como movimentos econômicos e artísticos contemporâneos estão em consonância, na criação de uma transição. Como a atividade lúdica nas suas múltiplas articulações tem um papel crucial para criar novos e manter antigos espaços de resistência e exercícios de como viver (bem) juntos.

Por muito tempo, abrimos mão da nossa excelência pessoal e dos nossos valores comunitários, pela mera busca do bem-estar econômico e acumulação de bens materiais. (...) Não podemos medir o espírito nacional com base no índice Dow Jones, nem os sucessos nacionais com base no Produto Interno Bruto (PIB).

Porque está agregado no nosso PIB a poluição do ar e a publicidade dos cigarros, as ambulâncias para desimpedir as nossas autoestradas das carnificinas. Inclui na conta as fechaduras especiais com que trancamos as nossas portas, e as prisões para aqueles que as arrombam.

O nosso PIB compreende a destruição das sequoias e a morte do Lago Superior.

Cresce com a produção de napalm, dos mísseis e das ogivas nucleares, e compreende também a pesquisa para melhorar a disseminação da peste bubônica. O nosso PIB se infla com equipamentos que a polícia usa para reprimir as revoltas em nossas cidades. E, embora não diminua devido aos danos que as revoltas provocam, aumenta quando se reconstruem os bairros pobres sobre as suas cinzas.

Compreende o fuzil de Whitman e a faca de Speck, e a transmissão de programas de televisão que celebram a violência para vender mercadorias às nossas crianças.

Se o nosso PIB compreende tudo isso,

não leva em conta também o estado de saúde de nossas famílias, a qualidade de sua educação ou a alegria de suas brincadeiras. É indiferente à decência de nossas fábricas e à segurança de nossas estradas. Não compreende a beleza de nossa poesia ou a solidez dos valores familiares, a inteligência de nossas discussões ou a honestidade de nossos funcionários públicos.

Não leva em conta nem a justiça de nossos tribunais, nem a justeza das relações entre nós.

O nosso PIB não mede nem a nossa argúcia, nem a nossa coragem, nem a nossa sabedoria, nem o nosso conhecimento, nem a nossa compaixão, nem a devoção ao nosso país.

Em poucas palavras, mede tudo, exceto aquilo que torna a vida digna de ser vivida; e pode nos dizer tudo sobre a América, exceto que somos orgulhosos de ser americanos.

(Robert Kennedy, 1968)<sup>1</sup>

Cerca de 3 meses depois de proferir esse discurso, Robert Kennedy é assassinado na Califórnia. Quarenta anos depois é assassinada no Rio de Janeiro a vereadora Marielle Franco. Ela havia sido eleita relatora da comissão de acompanhamento da intervenção federal, que vem ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro e vinha, justamente, denunciando os abusos de violência

nos subúrbios da cidade. Mas as balas que assassinaram a vereadora ao mesmo tempo que estilhaçaram corações, amplificaram sua voz por todo o planeta. As idéias são a prova de bala e tanto o discurso de Marielle, quanto o de Kennedy se apresentam cada vez mais penetrantes, atuais e necessários. São contextos e lugares de fala diversos, mas ambos tratam dos abusos que as estruturas de poder exercem para manter seu *status quo*. Abusos que se intensificam cada vez que o “estado das coisas” se desfigura, ameaçando a manutenção do poder.



Marielle Franco

Suely Rolnik, psicanalista e crítica de arte, afirma que a criação e o pensamento é impulsionado pelo desassossego da crise. Precisamos desenvolver uma alquimia que transforme nossa inquietude e nossos sentimentos frustrados em energia motora para promover as transformações necessárias. E o exercício lúdico, característico não só da produção artística, mas de todos os que visionam novas possibilidades, é fundamental para a criação de outros mundos (Rolnik, 2006).

Segundo Suely Rolnik:

Seja qual for o meio de expressão, pensamos/criamos porque algo de nossa vida cotidiana nos força a inventar novos possíveis que integrem ao mapa de sentido vigente, a mutação sensível que pede passagem.(...) É de dentro deste novo cenário que emergem as perguntas que se colocam para todos aqueles que pensam/criam – especialmente, os artistas – no afã de traçar uma cartografia do presente, de modo a identificar os pontos de asfixia do processo vital e fazer irromper aí a força de criação de outros mundos.

(Rolnik, 2006)

Em momentos de crise aguda podemos abraçar as seguintes perguntas levantadas pela autora:

Como liberar a vida destes seus novos impasses? O que pode nossa força de criação para enfrentar este desafio? (...) Em suma, como reativar nos dias de hoje, em suas distintas situações, a potência política inerente à ação artística? Este poder de encarnar as mutações do sensível participando assim da reconfiguração dos contornos do mundo.

(Rolnik, 2006)

Participando como um grão de areia em ondas, movimentos corrosivos, que geram pequenas e grandes avalanches, a VAV propõem uma Economia da Energia Vital. Esta proposta faz parte de uma inflexão planetária, se alinhando com a

cosmovisão ancestral de povos indígenas, mas também com a nova ciência - a física quântica - e a “crítica à ideia do crescimento econômico como única possibilidade de existência” (Milanez, 2016:10).

**Investir na Bolsa de Valores Éticos para o desenvolvimento sustentável de uma economia da energia vital** pode parecer uma provocação geopoética ou uma crítica ambiental lúdica; o que de certa forma é, pois o exercício lúdico e a brincadeira são fundamentais para a manutenção da vida. O historiador Johan Huizinga, responsável pela expressão *homo ludens*, defende que a brincadeira e o jogo precedem a cultura. Mas também pretendemos provocar literalmente o desvio de capital para uma bolsa de valores éticos desencadeando uma lavagem (espiritual) de dinheiro. As economias que promovem a energia vital, ao mesmo tempo que são impulsionadas por um devir lúdico, são aquelas que promovem a manutenção da biosfera.

## Materialismo, entropia e crescimento infinito

A necessidade de crescimento infinito baseia-se numa lógica de progressão linear; a hiper-produtividade e o consumo material devem continuar aumentando exponencialmente, caso contrário a economia entra em recessão, gerando crise, desemprego e desestabilidade no mercado. Os atores econômicos vem sendo cada vez mais

empurrados num “ritmo alucinante de exploração dos recursos naturais para alimentar uma produção crescente, exigida pela sede insaciável de lucro dos detentores do capital” (Whitaker, 2016:14).

Segundo Felipe Milanez, professor da Universidade do Recôncavo da Bahia, o crescimento econômico é um mito fundador do Brasil moderno e é “constantemente ressignificado e rearticulado pelos ocupantes do poder central” (Milanez, 2016:9). Talvez as propostas governamentais das últimas décadas brasileiras em relação à economia possam se diferir pelas políticas de maior abertura - com tendências mais neoliberais, interferências mais radicais do mercado financeiro internacional - ou propostas mais protecionistas - que fortalecem a indústria e o Estado nacional. Entretanto, segundo Milanez o crescimento econômico é uma ideologia:

(...) tanto da direita neoliberal com o Avança Brasil, de Fernando Henrique Cardoso, como do centro-esquerda dos governos Lula e Dilma e seus programas de Aceleração do Crescimento (PACs) PAC1, PAC2 e PAC3 (...) ou até mesmo o Ordem e Progresso, reeleitura reacionária positivista do governo interino alçado ao poder após um golpe parlamentar, de um espectro de direita conservadora, por Michel Temer.

(Milanez, [2016] 2016:10)

Mas sem o crescimento econômico, como podemos sustentar a economia e manter a renda e o

desemprego sob controle? É comum encontrar nas manchetes de jornais e nos programas político-partidários declarações como:

o Brasil não pode parar, para que possamos retomar o crescimento e a geração de emprego e de renda” (EBC)

A primeira consequência social importante derivada do aumento do PIB é a criação de empregos e a elevação da renda do trabalho. (Gazeta do Povo)

O crescimento da economia e do PIB (Produto Interno Bruto) são atrelados à geração de postos de trabalho, independente da qualidade do trabalho gerado. O PIB é o fluxo de riqueza mercantil e monetária de um país; tudo o que pode ser vendido e tem valor monetário contribui para o seu crescimento. A lista publicada em 2016 pelo Estadão de medidas do governo Michel Temer para a geração de postos de trabalho para 2017 foi a seguinte:

- Criação do Programa de Parcerias de Investimentos voltado para a execução de **obras** de infraestrutura e promoção da desestatização.
- Revisão das regras de concessão de **obras** públicas de modo a garantir segurança jurídica e lucratividade aos investidores.
- Reativação de **obras** inacabadas que necessitam de poucos recursos para a sua conclusão como postos de saúde, creches,

escolas, armazéns agrícolas e outras.

- Encaminhamento de proposta para simplificar as regras de concessão de licenças ambientais, para a execução de **obras** de infraestrutura.
- Reformulação das regras de leniência de modo a regularizar a situação das **construtoras** envolvidas em ações judiciais.
- Decisão de atrair o capital estrangeiro para **obras** de infraestrutura e para o setor de transporte, como é o caso das empresas aéreas.

(Pastore,2016)

Podemos observar que todos os postos de trabalho estão ligados à área de construção civil, gerando subempregos temporários e lucros exorbitantes para os donos do capital, às custas da degradação ambiental. Sem dúvida, o aumento do PIB e o combate ao desemprego é urgente e necessário, mas também precisamos estar atentos para gerar empregos mais significativos e duradouros, que deem autonomia criativa e realização para quem os exerce.

Robert Kennedy, em seu discurso acima citado, declara em 1968 que o PIB mede tudo, menos o que rende a vida digna de ser vivida. Quatro anos depois, em 1972, um rei de 17 anos, que acabava de assumir o trono do Butão, afirma que o PIB não pode ser mais importante que a ‘Felicidade Interna Bruta’. Majestade Jigme Singye Wangchuck pôs então seus assessores para bolar uma política inédita no mundo, que complementasse o PIB, acrescentando a este a

preservação da cultura, a conservação do meio ambiente e a boa governança. À luz desse índice, intitulado FIB (Felicidade Interna Bruta) ou PIF (Produto Interno de Felicidade) foi estipulado que 60% do território nacional permanecesse coberto por florestas originais e, apesar de ser um dos paraísos mais preservados do planeta, o turismo é limitado para não prejudicar a cultura e o meio ambiente<sup>2</sup>.

As teorias econômicas que sustentam o crescimento infinito sem estarem atreladas ao FIB, se baseiam em cálculos matemáticos alienados das condições reais que o planeta tem para sustentar essa produção. Serge Latouche, um dos principais porta-vozes do Movimento pelo Decrescimento econômico Feliz (MDF), afirma:

Não se pode continuar a fazer o mesmo número de pizzas se diminui progressivamente a quantidade de farinha, mesmo se aumentam o número de fornos e de pizzaiolos.

(Latouche, 2010:32)<sup>3</sup>

Os impactos socioambientais causados por cálculos matemáticos abstratos, são considerados (intencionalmente) não-econômicos e portanto, fora da área de atuação e competência dos economistas à serviço da manutenção do poder. O crescimento econômico infinito se baseia numa lógica de progressão entrópica. Nesse processo, os recursos materiais e energéticos são perdidos/degradados de maneira irreversível como na imagem que criada pelo artista Robert Smithson para explicar o conceito de entropia:

(...) uma caixa cheia de areia com um lado de areia branca e outro lado de areia preta. Um pequeno menino começa a correr em volta na direção horária, chutando a areia e misturando os grãos escuros e claros. Falam para ele reverter o curso e correr em sentido anti-horário. Isso certamente não fará nada para restabelecer as duas cores originais em campos separados. Enquanto suas pernas continuam a misturar a areia, o processo de entropia segue, irreversivelmente, só processo, aprofundando.

(Smithson apud Krauss e Bois,1997)<sup>4</sup>

Em termos práticos, Sergio Ulgiati, professor da Universidade Parthenope de Nápoles, explica que:

Quando toda a energia de um sistema torna-se não usável, já não são possíveis mais transformações do sistema. (...) [A palavra entropia] sustenta conceitos de redução da disponibilidade de recursos de alta qualidade, aumento da poluição devido a liberação de resíduos, produtos químicos e calor no meio ambiente, aumento da desordem social devido às condições degradadas de vidas em megacidades de todo o mundo, colapsos econômicos e demandas por um uso mais adequado dos recursos e prevenção da degradação do meio ambiente natural e humano (ou seja, perda de informações armazenadas).

(Ulgiati, 2016: 139)

Podemos analisar essa lógica econômica entrópica, separando-a em 5 estágios: oferta/demanda, extração de matéria prima, produção, venda e resíduos/poluição.

Oferta e demanda:

Existe uma demanda material básica para a sobrevivência da população mundial que precisa ser satisfeita de alguma forma. Mas para um sistema produtivista essa demanda básica não é suficiente. Os grandes produtores investem continuamente em engenhos humanos que possam elaborar novas demandas, cada vez mais distantes das nossas reais necessidades de sobrevivência. Esses produtos devem se tornar rapidamente obsoletos e fora de moda, de modo que possam abrir espaço para que a demanda continue crescendo.

Extração de matéria prima:

No atual sistema globalizado, a extração de matéria prima é feita sobretudo em territórios de países subdesenvolvidos economicamente, onde o preço de extração se torna mais conveniente para o produtor. As poucas reservas que ainda restam no “primeiro mundo” estão devidamente preservadas pelas leis locais, pois estes já se conscientizaram da importância (inclusive turística) da preservação do ambiente local. Ou esses países se encontram em lugares frios, como a Holanda que necessitam utilizar **10 vezes o tamanho da superfície do seu território, em países subdesenvolvidos, para se sustentar** (Latouche, 2010). Já sobre esse pequeno dado podemos intuir que o padrão de sustentabilidade

de dos países ditos “desenvolvidos”, não é um sistema sustentável ecologicamente para todo o planeta. Gandhi se perguntava:

A Inglaterra utilizou metade das reservas planetárias para atingir o atual estágio de desenvolvimento. Quanto a Índia iria precisar para atingir o mesmo estágio?

(Latouche, 2010:30)<sup>5</sup>

Se o desenvolvimento é o padrão que o Brasil e os países “em desenvolvimento” precisam atingir, fica subentendido que para isso nós precisaremos também de outros territórios disponíveis para serem explorados. Salve-se quem puder!

A nossa síndrome de vira-lata ecoa nas afirmações cotidianas: “Nesse país nada funciona, mas se fosse lá fora seria muito melhor”. Onde fica esse “lá fora” do qual que estamos nos referindo? Fora do Brasil se encontram muitas realidades, inclusive a reduzida realidade europeia e americana, que não são modelos a serem seguidos (já que não temos a nossa disposição outros planetas para destruir). Sem contar com a China e os tigres asiáticos, que reproduzem em escala ainda mais devastadora esse modelo.

No sistema produtivista globalizado a extração de matéria prima deve ser monopolizada em grande escala e de modo sempre crescente. Nos países em desenvolvimento ainda estamos criando gigantescas feridas abertas, “serras peladas”, o que os yanomamis chamam de “comedores de terra” (Kopenawa, Albert. 2016), com trabalho escravista tendo como fim a extração

de minerais destinados à produção industrial internacional. As grandes hidroelétricas e mineradoras vem causando graves desastres ambientais, como foi o rompimento da barragem da Vale do Rio Doce em Minas Gerais. Considerado o maior desastre ambiental de todos os tempos, onde os culpados permanecem até hoje impunes. Quase todos os produtos que consumimos cotidianamente estão carregados de sangue humano e ambiental. A extração de matéria prima num sistema desenvolvimentista é uma rede de arrastão que passa por sobre a superfície terrestre, desertificando e destruindo comunidades e habitats naturais.

Produção:

Para que o produto seja idealizado, os países desenvolvidos gastam grandes investimento em cérebros locais - designers, químicos, cientistas – hiperespecializando o produto e dificultando a competição de pequenos produtores. Bloqueios são criados nos dispositivos para que pessoas não-especializadas não se atrevam a concertar autonomamente o produto. Enquanto isso, muitas indústrias migram cada vez mais para países de em desenvolvimento, ou no “primeiro mundo” alojados em prédios de imigrantes ilegais escravizados, o que torna a produção ainda mais econômica. Produzido em larga escala e às custas da degradação do meio ambiente e da mão-de-obra, o produto se apresenta aos consumidores tão baratinho que se torna impossível para um artesão ou para uma pequena empresa local (sufocada pelos impostos) competir com uma

dessas corporações.

Comercialização:

A extração da matéria prima e a produção podem até se encontrar num território próximo um ao outro (o que poucas vezes acontece no mundo globalizado). Mas a venda será, se possível, espalhada por todos os quatro cantos do planeta. Intensificando, dessa forma o tráfico aéreo, rodoviário e marítimo; aumentando a necessidade de construir meios de transporte, consumir combustíveis fósseis e a emitir carbono. A ideia de que o mundo virtual iria diminuir esse tráfico físico internacional não se apresenta verdadeira, já que, inserida numa lógica de crescimento, ela intensifica o comércio internacional com a facilidade de oferta e compra de produtos (Latouche, 2010). Com um só clique uma encomenda pode ser feita do outro lado do mundo, na esperança que ela não vá chegar com um pedido de socorro de um trabalhador, como tem ocorrido em produtos que chegam da China comprados no site da Aliexpress.

Resíduos/poluição:

No filme “A estória das coisas”, a autora afirma que a grande maioria dos produtos que compramos duram apenas 1 ano e são jogados fora. Seja por que não funcionam mais, por terem se tornado obsoletos ou por que saíram de moda. Por mais que fosse implementada uma coleta seletiva planetária eficaz, a quantidade de lixo que vem sendo produzida pelo planeta não é sustentável. Não basta reciclar, é necessária

uma redução radical na quantidade de resíduos poluentes sendo produzidos. E mesmo a produção de aparelhos eletrônicos e computadores que produzem a tecnologia virtual precisa ser reduzida. Segundo Serge Latouche:

(...) a criação de um só computador, por exemplo, necessita o consumo de 1,8 toneladas de matéria, das qual 240 quilos de energia fóssil; enquanto a produção de um chip de 2 gramas consome 1,7 quilos de energia e uma grande quantidade de água.

(Latouche, 2006:32)

Não é a toa que o autor afirma que a ideologia do desenvolvimento econômico seria a maior arma de destruição em massa jamais imaginada pelo gênio humano (Latouche). Mas para Latouche, não basta ser contra o capitalismo, é necessário desconstruir a “religião do crescimento”; o socialismo real, tal como foi implementado seria igualmente produtivista e consumista, visando o crescimento e o monopólio da produção, num sistema industrial de degradação ambiental. Público ou privado, o paradigma do crescimento inviabilizaria a autonomia criativa do indivíduo e sua capacidade de criar relações conviviais de parceria. Latouche chega a afirmar que teria sido possível a criação de um ecocomunismo, caso a relação entre Karl Marx e Sergej Podolinskij (1850-1891), um dos precursores da economia ecológica tivesse frutificado:

É um pecado, talvez trágico, que a relação entre Sergej Podolinskij (1850-1891),

aristocrático e estudioso ucraniano exilado na França, e Karl Max tenha durado pouco. Esse genial precursor da economia ecológica procurava, de fato, conciliar o pensamento socialista e a segunda lei da termodinâmica e de fazer uma síntese entre Marx, Darwin e Carnot. Marx, cheio de trabalho e pouco esperto em questões científicas, confiou a avaliação do pensamento de Podolinskij a Engels, que com a sua concepção positivista e mecanicista da ciência, não conseguiu compreender o valor da pesquisa a considerou priva de interesse.

(Latouche, 2010:120)<sup>6</sup>

O artista alemão Joseph Beuys (1921-1986) em uma conferência pronunciada em 1972 em Roma, intitulada “A revolução somos nós”, expressa um ponto de vista próximo ao de Latouche em relação ao comunismo:

(...) ao falar de revolução, eu parti do conceito de criatividade. O marxismo tentou, de modo extremamente unilateral, fazer com que a revolução nascesse do sistema produtivo. Nós temos que modificar essa lógica fazendo com que o movimento revolucionário nasça do pensamento, da arte e da ciência [conhecimento].

(Beuys,[1972] 2006:304)

Beuys chega a especular sobre uma “economia de autogestão”, posterior ao capitalismo e ao comunismo que ele chama de “a sociedade do socialismo realista” (Beuys...). Referindo-se a Marx, Beuys afirma:

Ele foi genial ao elaborar essa teoria analítica; esqueceu, porém, de traçar um modelo de liberdade, e sua análise foi sucessivamente focalizando-se cada vez mais nas relações de produção que regula a economia.

(Beuys,[1972] 2006:312)

Beuys e Latouche, apesar de simpatizantes do marxismo, apontam para o fato dele ter sido implementado tendo o sistema produtivista como base. As necessidades materiais e a comercialização estariam tanto na base do sistema capitalista quanto comunista.

Já o físico contemporâneo Amit Goswami irá sugerir que haja uma mudança de foco da economia produtivista, que tem as necessidades materiais como base, para uma economia que ancore a sua espinha dorsal na consciência e na manutenção da energia vital. Como as reservas planetárias para produção de tecnologia material é finita, assim como nossas necessidades materiais também são, a economia poderia continuar crescendo através da comercialização de tecnologias sutis. Isso não significaria negar o comércio material ou colocá-lo em segundo plano, mas compreender que ele é apenas um dos aspectos das nossas demandas. A transição de uma economia baseada na antiga ciência materialista newtoniana para a economia da consciência (quântica) estaria à serviço das nossas necessidades tanto materiais quanto sutis, promovendo do bem-estar socioambiental (Goswami, 2015):

O capitalismo de Adam Smith foi desenvolvido como uma economia de bem-estar físico baseada na satisfação das necessidades condicionadas do ego físico. Em contraste, a economia quântica, como economia da consciência, deve ser uma economia de bem-estar holístico, baseada na satisfação do ego físico e do ego sutil.

(Goswami, 2015: 113)

Essa crítica à condição da antiga ciência que reduz a totalidade à realidade material, também teria sido levantada em 1972 pelo artista e ativista alemão Joseph Beuys, na mesma conferência acima citada:

(...) o conceito atual de ciência tem uma validade extremamente parcial, que não pode se referir a todos os problemas do homem, por que está baseado preponderantemente nas leis da matéria.

E aquilo que se refere à matéria não pode, necessariamente, referir-se à vida.(...) Foi com Platão que, pela primeira vez, a razão, entendida como princípio supremo, assumiu a primazia sobre outras formas de conhecimento.

A razão respeita as leis da lógica. Na história ocidental foi progressivamente afirmando-se um conceito que abraça a compreensão dos fenômenos físicos e matemáticos. (...) De Platão a Aristóteles, através de Descartes, Kant, Hegel, Darwin, Marx etc.: esse é o percurso evolutivo que

levou a ciência baseada essencialmente na matéria.

(Beuys,[1972] 2006: 306/307)

O sistema econômico desenvolvimentista subverteria o próprio conceito de economia que se origina de duas palavras gregas: *oikos*, que significa casa/ lugar, e *nomus*, que significa gerenciamento. O que vemos no atual sistema é a sociedade trabalhando para a manutenção de uma macroeconomia e não a macroeconomia à serviço de um gerenciamento eficaz do lugar. A VAV defende que é necessário resgatar a economia de acordo com sua definição etimológica.

Mas o paradigma desenvolvimentista nos arrasta para o crescimento infinito como um dogma religioso intocável, aumentando a concentração do capital, em consequência da sua acumulação ininterrupta na mão de um número cada vez menos reduzido de empresas e pessoas:

Durante o desenvolvimento capitalista, esses dois processos (concentração e centralização) levam inevitavelmente à seguinte situação: no campo da livre concorrência, grande número de gigantescas e fortes empresas absorvem grande quantidade de pequenas e médias indústrias, as quais têm que se contentar com papéis de dependência econômica cada vez maior. Milhares de pequenos empresários se arruinam convertendo-se em operários assalariados, enquanto um punhado de capitalistas vê crescerem aceleradamente

suas riquezas.

(Robert, 1983:73)

Como podemos observar, o sistema desenvolvimentista, esmaga a produção local de empreendedores independentes e autônomos transformando-os em “operários industriais” ou mesmo indigentes. Suely Rolnik afirma que os habitantes do planeta vem sendo transformados “em zumbis hiperativos incluídos ou trapos humanos excluídos” (Rolnik). Em todos os casos, esse paradigma econômico nos nega a capacidade de criar e suprir nossas próprias necessidades, o que Ivan Illich chama de perda da “autonomia criativa”. O crescimento econômico, dentro de um sistema capitalista, é um modo para acirrar o monopólio não só da renda e da produção, mas também do conhecimento e da cultura (Illich, 2005).

Segundo dados levantados por Serge Latouche, se continuarmos com uma taxa de crescimento de 2% ao ano, tendo em conta o aumento da população, em 2050 serão necessários 30 planetas para sustentar nosso estilo de vida (Latouche, 2010:30). Certamente, o modelo econômico de acúmulo de capital e degradação do meio ambiente não é uma invenção recente. O paradigma do crescimento não deixa de ser uma sofisticação de um sistema que tem suas raízes na afirmação, cada vez mais hegemônica e global de um sistema patriarcal de conquista e dominação do outro (incluindo a biosfera). Iremos tratar mais a fundo sobre a transição de sis-

temas de parceria, para sistemas de dominação, que ocorre cerca de 3.500 a.c. no Mediterrâneo, berço da sociedade ocidental.

Estamos todos fartos de saber dos desastres ambientais e sociais que estamos imersos. Mas essa ligação do crescimento com o monopólio econômico e a degradação do meio ambiente, por motivos políticos, nem sempre nos é apresentada de uma maneira explícita. Ainda paira sobre o imaginário coletivo a máxima do ministro da ditadura militar brasileira Delfim Netto: “É preciso fazer o bolo crescer para depois repartí-lo”. Existe, entre nós, uma fé inquestionável de que o crescimento irá permitir solucionar todos os problemas, gerando postos de trabalho, investimentos em manutenção ambiental e projetos sociais. Numa atitude, podemos dizer, paternalista em relação às camadas marginalizadas e ao meio ambiente.

## Na transição do sistema econômico

Se tivesse que encontrar uma imagem para a cultura diria que é uma montanha de areia. Apesar de que como artistas nos cremos muito importantes como indivíduos originais, dentro da montanha somos somente um dos grãos de areia: Em posições passivas, mantemos a estrutura. Em posições ativas, às vezes criamos pequenos derrames e avalanches. No final,

entretanto, cai a montanha de areia, como resultado da posição de todos os grãos e suas interações.

(Camnitzer, s/d)

A realidade crítica em que a humanidade se encontra e as notícias sobre injustiças, corrupção e violência - que vem sendo desveladas cada vez mais pelas mídias e redes sociais - geram um desassossego acompanhado de sentimentos de raiva, tristeza e frustração; que podem descambar para um conformismo niilista com tendências reacionárias e traços fascistas.

Mas a VAV escolhe mergulhar com vontade no desassossego da crise e gerenciar essa energia para a transformação. Para a MTC (medicina tradicional chinesa) raiva e criatividade fazem parte da mesma energia, que tem um movimento expansivo, ligada ao fígado. Já a tristeza está ligada ao pulmão, energia de contração, associada à obtenção de sabedoria. Mas como produzir essa alquimia para que a raiva não se transforme em ações violentas e fascistas? Como direcionar a energia do desassossego para a transformação da realidade? E como a tristeza se transforma em sabedoria?

Voltemos às perguntas de Suley Rolnik: Como liberar a via desses impasses? Como identificar os pontos de asfixia do processo vital e fazer irromper aí a força de criação de outros mundos?

A única certeza que temos é de que os paradigmas que as estruturas de poder se nutrem não são sustentáveis. Precisamos mergulhar nos



nossos monstros, incertezas, fragilidades, abraçar nossas sombras, nossas patologias. Esse é o momento de mergulhar no arquétipo da lua



Bichogrilo durante a intervenção da VAV no Abre Alas 14, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, 2018.

oculta, Lilith, os nossos desejos mais profundos; olhar de frente para nossas patologias e os nossos instintos que foram banidos e reprimidos. Para Rolnik, os sentimentos desagradáveis geram descontentamento, o que nos impulsionaria a formular críticas e análises sobre a origem do mal que nos aflige. Enquadrando o feiticeiro, as suas estratégias sedutoras de manipulação, se tornariam menores (Rolnik, 2006). A aceitação do conflito é a matéria prima para as transformações necessárias ocorrerem, mas além disso ainda precisamos agir, como alquimistas manipulando nossas energias vitais interligadas.

Latouche afirma que o crescimento econômico não é o remédio para os problemas sócio-am-

bientais: ele é a causa (Latouche, 2010). Por outro lado, não só não podemos negar a realidade na qual vivemos, como devemos usá-la para sua própria subversão. No filme de Godard, para destruir o sistema de controle social tecnicista de Alphaville, o detetive Lemmy Caution precisa se infiltrar no Alpha 60, máquina que controla os pensamentos, os sentimentos e o destino dos seus habitantes<sup>7</sup>. É justamente no coração do sistema que o detetive consegue desnortear e desarmar as estruturas de controle.

Em resposta à cafetinagem do sistema<sup>8</sup>, Rodrigo Nunes, num artigo publicado na revista MESA, defende que precisamos produzir uma contra-cafetinagem:

(...) a necessidade de sobreviver sob condições capitalistas nos compele a participar do capitalismo e assim por diante (parafrazeando Hamlet, “de todos faz capitalistas ter de pagar o aluguel”). Se reconhecemos que porquanto nos reproduzimos sob as atuais condições (econômicas, sociais, políticas, interpessoais) estaremos em certa medida implicados em sua reprodução, estamos em condições de discutir – coletivamente, publicamente – quanto as reproduzimos naquilo que fazemos, como reproduzi-las o mínimo possível, em que medida aquilo que estamos fazendo pode servir para transformá-las.

(Nunes, 2015)

Independente do papel que atuamos dentro do

sistema, precisamos TODOS estar atentos e conscientes (dentro do jogo) para atuar nessa linha (que pode ser tênue) entre ser engolido pelo caçador ou engolir o caçador. E buscar, subverter essa lógica, propondo uma terceira via, que não reproduza o paradigma do predador. Por isso, além de propor estruturas de economia criativa - o que pode parecer ingênuo no atual mundo especulativo - a VAV propõem integrá-las com as estruturas do sistema financeiro, para que elas também possam efetivamente Investir em Ações Virtuosas. Direcionando a macroeconomia, a favor de uma economia local, autônoma e justa.

A arte, as propostas econômicas alternativas e os resgates de manifestações tradicionais são presas fáceis do sistema e podem facilmente servir como mais um modo de alimentar, renovar e impulsionar a sua engrenagem. A respeito desses perigos Rodrigo Nunes observa:

Se, por um lado, o trabalho imaterial criativo é aquele que objetivamente manifesta a maior propensão à auto-organização colaborativa (“o potencial para uma espécie de comunismo espontâneo e elementar”), é também, por outro, aquele em que o apelo subjetivo da “cafetinagem” é mais forte.

(Nunes, 2015)

Conscientes dos mecanismos que o sistema encontra para neutralizar os desassossegos, a contra-cafetinagem consistiria o que Walter Benjamin afirma: “não abastecer o aparelho de produção sem modificá-lo o máximo possível”

(Nunes, 2015).

Mas acabam sendo incertas as fronteiras entre ser cooptado pelo aparelho de produção e estar transformando-o inserido nele. É por isso que a VAV investe não somente no campo econômico e ideológico, mas também em processos de auto-conhecimento, nos quais possamos habitar nosso “corpo vibrátil” e entrar em contato com nossas fragilidades; de modo a ir reconhecendo e emancipando nossos mecanismos internos de controle e opressão, pois são esses processos que sujeitam e são assujeitados pelos mecanismos externos. Para que seja permanente e sustentável ao longo do tempo, a transição do atual sistema econômico precisa estar entrelaçada por processos pedagógicos que descolonizam o nosso pensamento e emancipem as subjetividades.

Para o educador e antropólogo Tião Rocha, criador da “escola debaixo do pé de manga”, o primeiro passo para sabermos o que queremos é descobriremos o que não queremos. Na década de 80, ele pediu demissão do seu cargo de professor da Universidade Federal de Ouro Preto e saiu pelo sertão à procura dos personagens de Guimarães Rosa. Sem saber exatamente o que estava buscando, sentado sobre a sombra de um pé de manga, ele se reuniu com uma pequena comunidade do interior de Minas e fez uma lista do que eles não queriam numa escola. A partir de então, com as propostas e conhecimentos locais foi sendo construído os CPCDs (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento) que hoje

se espalham por diversas localidades do país<sup>9</sup>. Essa escola nômade construída sem carteiras e sem quadro negro, entrelaça toda a comunidade, num exercício que pode ser chamado de bairro-escola, cidade-escola ou comunidade-escola. Só em 2006 o CPCD teve um orçamento de 2,6 milhões, sendo 60% provindo de parcerias e 40% da venda de produtos e serviços. É importante remarcar que do orçamento para a manutenção do projeto, 40% foi gerado a partir de produtos e serviços locais. Isso demonstra uma transição de projetos que estão exclusivamente dependentes do patrocínio provindo de algum monopólio do capital, para projetos que começam a promover a própria emancipação e “autonomia criativa”.

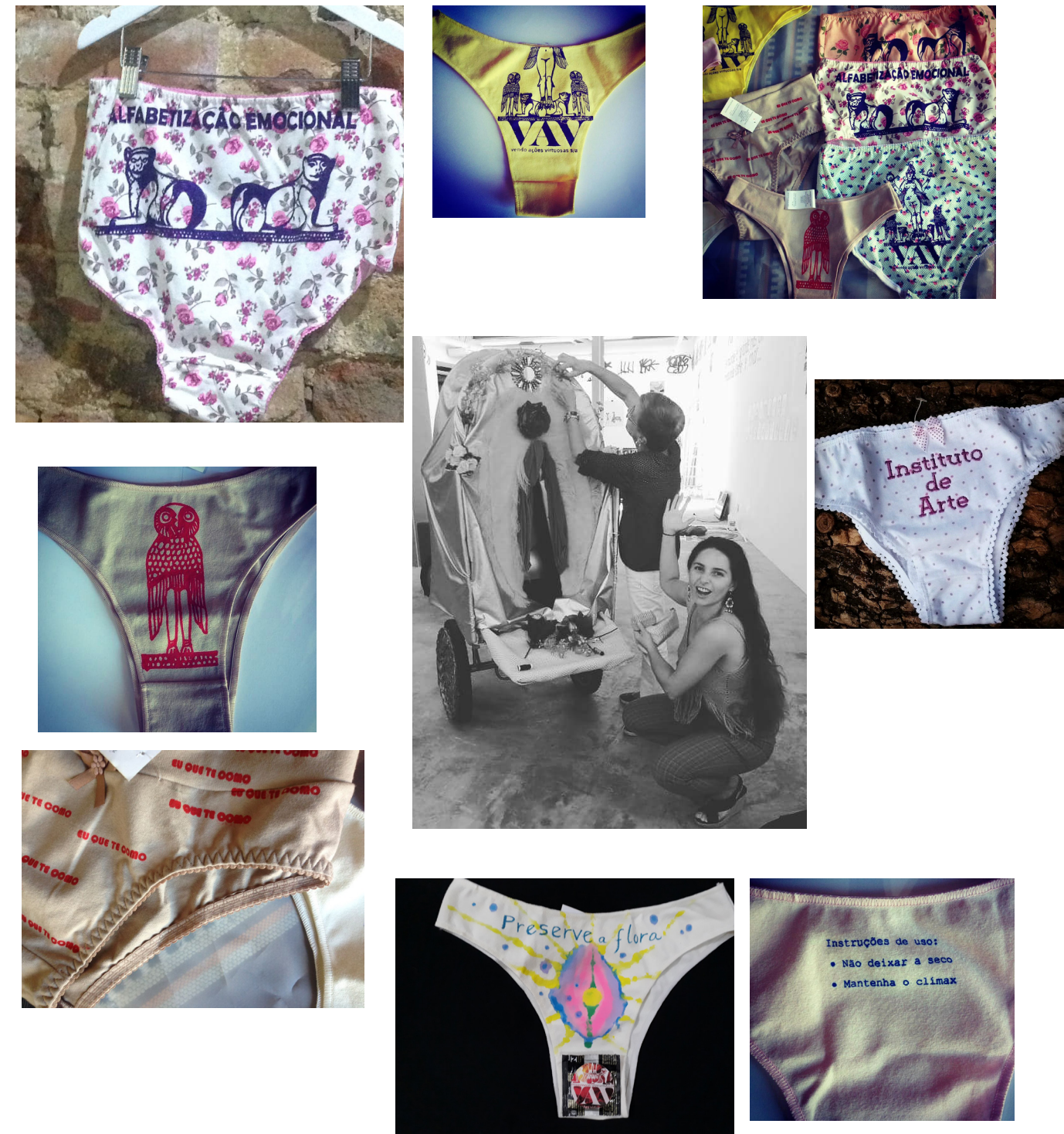
Outro conceito importante para a transição é o de permacultura, que refere-se originalmente à uma agricultura sustentável que possa ser “permanente”. Mas o termo se expandiu para defender também uma “cultura permanente”, já que uma agricultura sustentável, precisa integrar também os aspectos culturais, econômicos e sociais (Fukoka, 1978).

O que atualmente ocorre é que grande parte dos projetos culturais dependem exclusivamente de um único monopólio de capital. Além dos recursos virem de cima para baixo, muitas vezes acabam impedindo a autonomia política e econômica do projeto. O que acaba tornando as iniciativas culturais impermanentes, precárias e condicionadas<sup>10</sup>.

O sustento econômico da VAV também é bastante inconstante, precário e variado. Alguns projetos geram algum retorno econômico, sobretudo aqueles ligados à serviços educacionais e a venda de artesanato. Mas a produção dos eventos é sustentada sobretudo pela venda dos meus quadros no mercado de arte. Vendo eles como ações virtuosas para o sustento da minha família e das nossas Avis.

Já o projeto Lingerie Bar, encabeçado por Letícia Mattoso, promove a venda das “lingeries da educação sexual” da VAV<sup>11</sup>. A idéia é que, aos poucos, a venda de calcinhas e cuecas, além de promover um sustento econômico para as pessoas envolvidas, desencadeiem a sessão Lingerie, com encontros, conversas e gargalhadas sobre quebra de tabus relacionados à sexualidade, gênero, prazer, abuso, DSTs e prevenção. Desdobrando e alargando essa “permacultura” de ponta a ponta, o projeto prevê a criação de uma cooperativa de costureiras, capacitando pessoas que possam criar as lingerie com tecidos artesanais e que possam ser vendidos à preços acessíveis. Mas para que esse projeto seja implementado na atual conjuntura, provavelmente será necessário o apoio inicial de investidores (ou doadores) públicos ou privados.

O Triciclo Imantado da VAV é uma revisitação dos antigos circos que perambulavam (e ainda perambulam) pelo interior do país. Muito próximos do teatro medieval, essas pequenas caravanas ambulantes costumavam arrecadar seus lucros não somente com a venda dos ingressos



Imagens das calcinhas do Lingerie Bar e ao centro Pilar Rocha apresentando o Triciclo Imantado como “Portal da Lua Oculta”, Jacaranda, Rio de Janeiro, 2018.



Triciclo Imantado como “carroça de lavagem de dinheiro”, no Abra Alas 14, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, 2018.

ou passando o chapéu, mas na comercialização de diversos produtos. O nosso Triciclo Imantado é nossa instituição de arte ambulante multifocal, onde a venda de produtos, as ações, proposições e rituais que acontecem em torno dele, podem funcionar também como processos de alfabetização emocional. Os produtos comercializados no triciclo são produzidos pelos integrantes do grupo (#compredequemfaz) ou cooperativas convidadas<sup>12</sup>.

Nas ações e encontros da VAV exploramos a possibilidade de escolher entre dois óculos, um é o da abundância e o outro o da escassez. Os óculos da escassez podem ser comparados com o paradigma do crescimento econômico:

Temos que acumular, pois não teremos suficiente.



Acionistas da VAV no Triciclo Imantado Imantado (Carolina Cortes, Jhacira X, Bichogrilo, Duda Vale e Letícia Mattoso), Abra Alas 14, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, 2018.

Temos MEDO que falte!

Nós, VIPs, excluimos as pessoas, pois não vai dar para todo mundo...

Eu, predador, só vou me dar bem se esmagar minhas presas.

Temos que competir (e nos odiar) para ver quem é o vencedor e quem são os perdedores.

Infelizmente o sistema vem através dos séculos sofisticando esses pensamentos no nosso imaginário, se alastrando não somente no universo econômico; ele contamina todos os ambientes que frequentamos - as escolas e universidades, as relações profissionais e afetivas e até mesmo o prazer, o lazer e os jogos. Para descolonizar o imaginário patriarcal da escassez precisamos

trocá-lo pelos óculos da abundância – no contra-fluxos dessas ideologias e imaginários - que possa se infiltrar em nossos corações e mentes afirmando que:

Não vai faltar, pois tem para todo mundo.

Quanto mais você está bem, mais eu estou bem.

Quando você ganha, eu também ganho. Quando você perde, eu também perco.

Unidos somos mais fortes, aumentamos o fluxo e podemos ser inclusivos.

Podemos cooperar um com o outro para que todos tenham em abundância.

Para Goswami nossas intenções são importantes, mas mais importante ainda seria o alinhamento das nossas intenções com as demais, pois seria nelas que residiria o poder causal. Segundo o autor, os líderes empresariais deveriam estar atentos a esse fato e ao alinhamento das nossas intenções com a intenção do cosmos, da própria consciência quântica. (Goswami, 2015:93).

Mas, imersos numa dinâmica de escassez, como fazer a transição para a abundância e a consciência quântica? Estamos todos envolvidos num trem de alta velocidade e não podemos abrir a porta e simplesmente pular sozinhos para um mundo ideal. Só vamos realmente ser livres quando juntos reconduzirmos o trem para um ritmo e um rumo sustentável. Esse é o momento de criar laços, redes de redes que nos interliguem materialmente e sutilmente com todos que

estão construindo essa nova era. Imaginem uma rede de luz que interconecta todas as vibrações de amor emanadas no planeta e no universo. Ela existe.

Um dos “segredos” que são revelados para as crianças que utilizam o material didático que a VAV vem produzindo voltado para as competências socioemocionais no ensino fundamental é:

Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só

Mas sonho que se sonha junto é realidade.

(Raul Seixas, 1974)<sup>13</sup>

Essa canção sintetiza esse importante princípio quântico no qual seria justamente no alinhamento de nossas intenções com as demais que residiria o poder causal (Goswami, 2015:93). Esse “segredo” dialoga também com certos princípios ancestrais, como o que os povos de língua banto, na África, chamam de Ubuntu: “eu sou por que nós somos”. Na filosofia desses povos, uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas e:

(...) quando for necessário escolher entre a preservação, principalmente da vida humana, e a posse de riqueza em excesso, deve-se optar pela preservação da vida. A filosofia do Ubuntu (*botho* ou *hunhu*) está ancorada no princípio ético da promoção da vida por meio da preocupação mútua, do cuidado e do compartilhamento entre seres humanos e com relação ao ambiente mais amplo de que eles fazem parte. A

filosofia Ubuntu entende a vida em sua integridade

(Ramos, 2016)

O que Serge Latouche defende em relação à transição da economia é que seja adotado um sistema de decrescimento econômico, que é o oposto do estado de recessão. O decrescimento consistiria em buscar meios para sair da lógica do crescimento, aumentando a autonomia criativa de indivíduos inseridos em sistemas de produção cooperativos. O decrescimento não é um estado fixo, ele é um processo, uma transição do óculos da escassez para o óculos da abundância. Segundo Milanez:

(...) a idéia do decrescimento pode alimentar discussões e debates em campos variados, sob diversas perspectivas, além de tradições do pensamento econômico e dos muros da academia. O livro “Decrescimento: vocabulário para um novo mundo” discute a possibilidade de outras formas de vida e a imaginação de alternativas a partir de um problema econômico.

(Milanez, [2016] 2016:13)

Os pensamentos decrescentistas emergem na conjuntura atual, assim como o *Sumak Kawsay*, a voz dos povos quechuas para um “bem viver”:

Sumak Kawsay é a expressão de uma forma ancestral de ser e estar no mundo. O “bem-viver” expressa, se refere e concorda com aquelas demandas de “decrescimento” de Latouche, de “convivialidade”

de Ivan Illich, de “ecologia profunda” de Arnold Naes. O “bem-viver” também recorre às propostas de descolonização de Anibal Quijano, de Boaventura de Souza Santos, de Edgardo Lander, entre outros. O “bem viver”, é mais uma contribuição dos povos indígenas de Abya Yala, ao povos do mundo e faz parte de seu caminho na luta pela descolonização da vida, da história e do futuro.

(Davalos, [2008], 2014: 142)

Mais um aspecto que vem se alinhando a esses pensamentos descoloniais na área de biologia é discutido no livro “Ajuda Mútua: um fator de sobrevivência” pelo geógrafo e ativista político russo Piotr Kropotkin (1892-1921). Nessa publicação o autor reflete sobre como a luta pela sobrevivência do mais forte sobre o mais fraco, baseada nas teorias darwinistas foi um grosseiro desentendimento, criado por motivos políticos. Nessa obra, o autor irá defender que a cooperação e a ajuda mútua seriam mais importantes do que a guerra e a competição para a preservação da vida planetária:

Ouvimos tanto falar ultimamente da “luta implacável e cruel pela vida” (que dizem ser) travada por cada animal contra todos os outros, e por cada ser humano civilizado contra todos os outros “selvagens”, e de cada homem civilizado contra todos os seus semelhantes, afirmações que acabaram se tornando um artigo de fé, que se tornou necessário, antes de mais nada,

opor-lhes uma longa série de verdades que mostram a vida animal e humana de um ponto de vista bem distinto.

(Kropotkin, 2009: 83)

Segundo o autor, os animais e os indivíduos mais aptos a sobreviver não seriam necessariamente os mais fortes e mais astutos e sim aqueles que aprenderiam a se associar de modo a se apoiarem mutuamente, fossem fortes ou fracos, pelo bem-estar da comunidade. Portanto:

Aquelas comunidades (...) que possuíam o maior número de membros mais cooperativos seriam as que melhor floresceriam e deixariam a prole mais numerosa.

(Kropotkin, 2009: 163)

Seus estudos não são uma negação da competição, mas da afirmação da cooperação como principal fator da manutenção da vida planetária. Segundo Fábio Otuzi Brotto, autor de diversas publicações, jogos e projetos cooperativos, o próprio Darwin teria afirmado que o valor mais alto para a sobrevivência estaria na inteligência, no senso moral e na cooperação social e não na competição. (Brotto, 2002).

A competição também é necessária para a sobrevivência do homem em sociedade, mas ela não precisa se manifestar necessariamente de maneira violenta. A competição pode ser uma emulação, estimulando os concorrentes a aprimorar sua atuação de maneira saudável. Entretanto, existe um excesso de competição

atrelado à valorização da guerra, portanto a inflexão planetária aponta para a valorização da cooperação e da ajuda mútua. A cultura, a arte, a educação e a economia promovem encontros, emulação, relacionamentos e transações. E são através desses relacionamentos que a VAV propõem exercícios experimentais de convivência, de construção de redes e cooperativas para a manutenção da energia vital.

## Investir em Ações Virtuosas

O universo é auto-consciente através de nós.

(Amit Goswami)

A cosmovisão holística da VAV aponta para a transição planetária através de um sistema econômico que pense no equilíbrio e na manutenção da energia vital, atuando como um “ativismo quântico”- termo cunhado por Amit Goswami<sup>14</sup>. Para o autor, esse ativismo seria um modo de transformar a nós mesmos e a nossa sociedade de acordo com os princípios quânticos. Nesta abordagem, a consciência e não a matéria estaria na base de todas as ações, objetos e acontecimentos. Essa consciência, que é a base de toda existência, pode ser comparada com Deus, Tao, Bhrama ou Tupã, pois é uma consciência não-local, auto-consciente, que se manifesta através de nós (Goswami, 2010). A nossa realidade é apenas uma das possibilidades dessa

consciência de se manifestar e a própria mente humana também faria parte dessa consciência.

Para o físico, o ativismo quântico deveria se infiltrar em todas as áreas de atuação social – arte, saúde, política, educação, economia – sendo um veículo fundamental para crescermos juntos, transformando o materialismo científico destrutivo que se apresenta arraigado em nossa sociedade (Goswami, 2010). O autor defende que a economia, à luz da nova ciência, não se basearia somente no crescimento da produção material, mas também no crescimento da energia vital (Goswami, 2015):

A economia é o gerenciamento do lugar onde vivemos, e isso significa o mundo físico, o mundo mental dos significados, o mundo vital dos sentimentos e o mundo supramental dos valores arquetípicos, inclusive o mundo espiritual da consciência quântica, a base da existência.

(Goswami, 2015: 138)

O autor constata que a capacidade de oferta e demanda material é finita, entretanto, a demanda de necessidades sutis dos consumidores não teria limites e poderia crescer infinitamente. Os períodos de recessão da economia material, poderiam ser alternados com o aumento da produção e consumo de energia sutis, que seriam inesgotáveis. Numa reflexão futurologista sobre a economia quântica, o físico chega a afirmar que:

Nos tempos de recessão, podemos investir

mais no setor sutil da economia, e quando ela acaba voltamos ao consumo de bens materiais. O desejo de consumir será menor, pois se estamos bem equilibrados na dimensão sutil, se sentimos amor, precisamos menos de bens materiais. A demanda não será tão alta, o que torna possível poupar os recursos ambientais. Estou propondo que as empresas produzam energias sutis ativamente, de forma orquestrada. Isso trará uma grande transformação no modo como os negócios são feitos.

(Goswami:2007)

De certa forma, a economia quântica já vem atuando ou sempre esteve atuante, mesmo que sufocada pelas estruturas de poder. O que é chamado de capital cultural faz parte das ditas tecnologias sutis, assim como todas as atividades que promovem bons encontros, justiça, saúde, bem-estar físico e social, beleza, sentimentos propositivos, etc. A grande inovação da física quântica estaria na afirmação, através da própria ciência, de que nosso corpo tem necessidades que vão além das físicas; integrando tanto a visão materialista da antiga ciência, quanto a espiritualista das religiões, que se encontram atualmente separadas, numa postura exclusivista.

Para Goswami nosso corpo seria constituído por um corpo denso/material, que seria o nosso *hardware*, e os corpos sutis, que são os nossos *softwares*. Os corpos sutis se dividem entre: **corpo energético**, **corpo mental** e **corpo**

**supramental**. E na base fundamental desses 3 corpos estaria a consciência não-local. O **corpo energético** abarcaria os nossos chacras, cada um deles relacionados com órgãos ou glândulas importantes do corpo. O corpo energético seria também o corpo dos nossos sentimentos e emoções. Tanto quanto o corpo físico ele precisa ser bem alimentado, nesse caso com emoções positivas<sup>15</sup>.

Já o **corpo mental** deveria ser alimentado com conhecimento, mas também com ações que tenham significado, trabalhos e funções que façam sentido para a pessoa que os exerce. Já existe uma prática em indústrias automobilísticas japonesas onde os funcionários participam de diversas funções na cadeia de produção. Dessa forma, além da aquisição de um conhecimento geral de engenharia, o seu trabalho deixa de ser uma função alienada e alienadora, ganhando mais sentido para quem a desenvolve. Na economia quântica esse processo tenderia a se expandir até que todos possam exercer autonomia criativa integrando funções de diversas áreas, desde a limpeza do ambiente à gerência dos negócios.

O terceiro corpo sutil seria o **corpo supramental**, onde se manifestaria a intuição dos valores arquetípicos. Para alimentar o corpo supramental seria necessário abrir espaço para a intuição provindas da consciência não-local, intuições de virtudes como: amor, abundância, compaixão, beleza, justiça, etc. Dessa forma a ética seria também reintroduzida nas relações econômicas,

tanto freando os impulsos perversos e corruptos, quanto os lucros exorbitantes da especulação monetária (Goswami, 2015). Nas palavras do autor:

A teoria clássica do capitalismo só considera a dimensão física da realidade, e prevê um capitalismo sempre em expansão – o que não é sustentável. O problema é que não somos apenas matéria. Somos também o que sentimos, o que pensamos, e ainda os arquétipos de amor, beleza, justiça, existentes no nível sutil do nosso ser. O economista Adam Smith, criador do capitalismo moderno, ignorou essas coisas, pois não eram mensuráveis. É por conta dessa falha que temos esses ciclos de recessão e expansão econômica, que não podemos sustentar. Quando introduzimos na equação econômica o nível sutil da pessoa humana – as energias vitais, o processamento de significados mentais e o nível supramental, no qual estão os valores arquetípicos -, percebemos que ela se fecha.

(Goswami,2007)<sup>16</sup>

De acordo com a nova economia, o dinheiro continua sendo a principal fonte das transações econômicas. Mas onde se inseriria o mercado financeiro, à luz do ativismo quântico? Segundo o autor, numa economia baseada na nova ciência, a energia do dinheiro precisaria ser transformada e, nessa operação o mercado especulativo tenderia a se extinguir:



Lavagem de dinheiro, ritual com Livia Moura, Nora Barna e Joana Caetano na defesa desse mestrado, porco de argila e pérolas, sacos plásticos costurados, vasos de cerâmica, video-instalação e pinturas de Livia Moura e narrativa sonora com canto em tupi-guarani de Zahy Guajajara, Jacaranda, Rio de Janeiro, 20 de junho de 2018, 2o dia Internacional do Decrescimento Economico Feliz.

Desde seu advento, o dinheiro sempre foi considerado uma representação, um símbolo de alguma coisa com significado e valor. Mas quando o significado e o valor foram conspurcados, muitos economistas começaram a tratar o dinheiro como se tivesse um valor intrínseco por si próprio. Assim nasceu a economia monetária.(...) Uma influência importante da atitude materialista do dinheiro com valor intrínseco foi a criação de transações econômicas completamente desprovidas das transações econômicas normais, de produção e consumo. Isso trouxe uma consequência potencialmente desastrosa: a maioria das transações monetárias no atual mercado de câmbio é desprovida de qualquer conexão com a economia de bens e serviços; em vez disso é especulativa, parecendo um jogo em um cassino global.

(Goswami, 2015:195/196)

Criado para gerar recursos que impulsionassem empreendedores e a economia real, o mercado especulativo passou a orientar-se exclusivamente para a maximização do lucro e as demandas da economia real deixaram de ser relevantes em suas decisões. Em resumo, ao invés de trabalhar para a economia real, o que acompanhamos globalmente é a economia real trabalhando para o mercado especulativo.

Segundo Latouche, o paradigma do progresso e do desenvolvimento econômico deveria ser

deslocado para o progresso da beleza das cidades e das paisagens, o progresso da pureza dos lençóis freáticos que fornecem água potável, o progresso de ter rios transparentes e oceanos limpos (Latouche, 2006).

Para o autor, o sistema econômico atual estimularia a agressividade e o cinismo do combatente, a sedução manipuladora, a capacidade de ousar em dar golpes mais baixos, a indiferença pela sobrevivência dos outros, dos vizinhos ou não, para não dizer na complacência pelos consumidores irresponsáveis. Na descolonização desse paradigma, o autor afirma que podemos substituir: o egoísmo pelo altruísmo, a cooperação sobre a competição desenfreada, o prazer do divertimento e o lúdico sobre a obsessão pelo trabalho, a importância da vida social sobre o consumo ilimitado, o local sobre o global, o gosto pelo belo sobre a eficiência produtivista, o relacional sobre o material. (Latouche, 2006).

Para Goswami, as instituições que lidariam puramente com dinheiro e nenhum outro produto não tem valores intrínsecos. Ganhar dinheiro com dinheiro não alimentaria o nosso corpo energético/emocional, nem o corpo mental e muito menos o corpo supramental. O autor incita os empresários a se inserirem na economia e nos negócios sutis, utilizando o dinheiro em suas transações, mas de modo a transformar a sua energia para que ela não pareça mais incompatível com as energias do amor. Percebendo o dinheiro como uma energia criativa, que possa ajudar-nos a criar novos significados e valores. A medida que

o dinheiro aproxima a pessoa da integridade mediante investimentos de felicidade, ele adquire uma energia sagrada. (Goswami, 2015:197)

A VAV vem buscando estratégias de atuação e inserção social, experimentando modos criativos de circulação de dinheiro através da venda de Avis (ações virtuosas) ou tecnologias de energias vital em forma de laboratórios, cursos, processos ou produtos, com a intenção de “lavar o dinheiro na bolsa de valores éticos”. Para que o dinheiro resgate simbolicamente e efetivamente sua função como “meio” e não como “fim”. A VAV se propõem a promover uma lavagem espiritual do dinheiro, buscando resgatar a sua energia sagrada e a ideia de que nem todo investimento econômico terá um retorno exclusivamente material. Esse é o princípio de iniciativas que estão surgindo ao redor do mundo, como a empresa brasileira SITAWI, que direciona investimentos financeiros e doações em “ações virtuosas” com impactos socioambientais positivos<sup>17</sup>.

Exercitando de modo experimental a transformação do sistema econômico como parte da nossa estratégia pedagógica e estética, a VAV participa de uma onda de partículas vibratórias transtemporais em prol da transição para um sistema de organização monetária internacional mais justo e sustentável. Portanto quando estamos afirmando “Invista da bolsa de valores éticos”, “Visite o banco de Energia Vital” ou “Vendo Ações Virtuosas” não estamos brincando. Certamente a brincadeira é fundamental para a nutrição dos corpos sutis, mas estamos também

buscando uma interação real no espaço ou territorialização, entendido por Milton Santos como “a sociedade encaixada na paisagem”; com suas interações sociais, culturais e comerciais (Santos, 1988). Neste caso, mesmo as ações que promovem retorno econômico, existe um sentido e um escopo dadivoso, que vai além do material para nutrir a energia vital do planeta.

Para Nietzsche a virtude dadivosa é a mais elevada das virtudes, entendida em termos de generosidade espiritual. O “dom de doar virtudes” é o que Nietzsche, em Zarathustra, enuncia como dádiva de retornar riquezas para a vida. A generosidade e a doação são temas importantes para o autor, que a entende em termos de generosidade espiritual, muito próximas das cosmovisões dos povos tradicionais (Nietzsche,2017).A VAV busca esse dom de doar virtudes sem escopo econômico, mas também VENDER AÇÕES VIRTUOSAS, onde existe a moeda como intermediário, em prol de um sustento econômico sagrado.

Dinheiro é o sangue da sociedade, bombeado por um coração virtuoso ele permite que o sangue circule por todo o corpo até as suas extremidades mais distantes. O sangue não pode ficar estagnado, coagulando; dessa forma ele se torna um câncer que se espalha por todo o corpo social. O sangue não pode ser desviado; um corte profundo faz com que ele se esvaia e o corpo social adoeça ou morra. Parece mesmo que a vampiragem que se alimenta desse sangue é contagiosa e é preciso muito alho para limpar o

sangue e para fazer uma lavagem espiritual do dinheiro.

Manejar o dinheiro resgatando sua função primária, pode ser em si um ato espiritual e pedagógico como um “Ritual de Iniciação Humana”. Para o ativismo quântico, dinheiro e espiritualidade devem estar atrelados, ao contrário da visão religiosa anti-materialista que nega o corpo e o dinheiro (pelo menos nas mãos dos devotos). Auto-flagelações, auto-restrições físicas e materiais não estão alinhadas com a nova ciência e a inflexão planetária que pregam a abundância e o bem-estar. Esta que compreende não somente a abundância material e pessoal, como a abundância coletiva e sutil:

Temos vivido nossa vida supondo que aquilo que é bom para nós é bom para o mundo. Estamos errados. Precisamos mudar nossa vida para que seja possível viver sobre a premissa inversa, ou seja, de que aquilo que é bom para o mundo será bom para nós.

(Einstein apude Goswami, 2015: 96)

## **Procuram-se corações virtuosos para transfusões de \$angue**

## **Arte e movimentos contemporâneos na construção da Economia da Energia Vital**

A liberdade em sua forma mais pura e absoluta, só pode ser encontrada na atividade lúdica.

(Schiller apude Beuys, [1972] 2006: 305)<sup>18</sup>

Desde de que a VAV fora idealizada existia a vontade de assumi-la não como um coletivo mas, como uma “empresa de verdade”, consciente da dimensão irônica e desafiadora que isso implicaria. Mas, apesar de Hélio Oiticica ter visionado já na década de 60 que o artista estaria se tornando “um propositor, empresário ou até mesmo educador” (Hélio Oiticica, 2006: 167), assumir um processo artístico como uma empresa, pode nos remeter ao universo do crescimento econômico patriarcal, que estamos justamente questionando.

Acreditamos que o exercício experimental para a criação de uma nova organização econômica é também um processo pedagógico que levanta discussões sobre mudanças de paradigmas. É de se notar que Oiticica escreve por último a expressão “até mesmo educador” sobre o papel do artista, o que nos faz entender que essa seria a função mais subversiva que ele poderia visionar para os artistas. Joseph Beuys afirma que todo ser humano é um artista, educador, político e ati-

vista ambiental. Segundo o artista seria nossa tarefa fazer, por todos os meios possíveis, com que as pessoas voltem a se interessar pelo “social” e a retomar o seu sentido inato de coletivismo (Beuys, [1972] 2006).

A VAV propõem que as pessoas que trabalham para a transição do sistema (inclusive os artistas), tenham um papel na nova economia como tecnólogos da energia vital. A VAV busca subverter a lógica “hermetista separatista” (para não dizer elitista) dominada pelo mercado materialista e intelectual da arte. Tocando no que tange o contínuo embate pela reconfiguração de estratégias da arte para se infiltrar na vida como processo de transformação holística. Desde os anos 60, fala-se cada vez mais em territórios de resistências e vivências coletivas, multiplicando-se os processos relacionais de desmaterialização da forma-objeto artístico. Essa intenção de criar uma distância zero entre a experiência de criação e da recepção, entre a política, o corpo da obra e o dos participantes é uma das questões centrais da arte emergente nos anos 60 (Vergara, 2013). Seguindo nessa linha, ou melhor, esse emaranhado de estratégias, tem se tornado cada vez mais frequente a produção de práticas híbridas entre a arte e o mundo, promovendo a manutenção da energia vital.

### **A VAV**

**investe na arte como um**

**SUP**

**(serviço de utilidade pública)**

Jarry Saltz no seu artigo “Why 2017 needs a new kind of art” (Saltz, 2016) defende um tipo de “arte útil” como resposta à crise global. Segundo Tania Brughera - uma das artistas citadas nesse artigo - esse tipo de arte atuaria sobre a transformação da vida das pessoas, mesmo que numa escala pequena e sutil (que não significa menos urgente e potente e separa das transformações materiais); numa forma de arte como ativismo e ativismo como arte. Muitos artistas e coletivos têm utilizado “as possibilidades regenerativas do fazer comunitário” (Plástica, 2015: 60) para encontrar soluções para pequenos e grandes problemas que emergem no nosso cotidiano. Utilizando a arte como produção de subjetividades em novas partilhas de estar no mundo. Do ponto de vista do materialismo científico e do desenvolvimentismo a função da arte é limitada, para não dizer supérflua. Mas para o ativismo quântico ela pode ser tão ou mais fundamental e integradora quanto as outras profissões. Podemos até mesmo cogitar que os artistas podem ser uma espécie de xamã do corpo sutil, canalizando a intuição supramental da criatividade e alinhando nossos corpos sutis. Os bons encontros, promovidos pelas manifestações culturais e artísticas, podem ser um dos principais disseminadores do compartilhamento de tecnologias sutis, que promovem a pluriversalidade das subjetividades (Mignolo) e a manutenção da energia vital.

Essa é uma visão econômica (e quântica) próxima aquela defendida por Beuys:



Mantenho desde o início a opinião de que o conceito positivista, burguês de ciência não pode representar um método prático para o desenvolvimento da sociologia, de que somente a arte e através da arte pode-se encontrar um instrumento e um método de realização e desenvolvimento.

A arte pressupõe, portanto, o problema da criatividade total.

A revolução pode nascer apenas da liberdade do homem(...) a criatividade é parte da renda nacional do país.

(Beuys, [1972] 2006: 318)

Quando Mario Pedrosa afirma que “A arte é o exercício experimental da liberdade” ele se refere às proposições de artistas como HO, que vinham incluindo cada vez mais o público como participante; não somente no sentido de “manipulação” da obra ou participação sensorial corporal” (epistêmico), mas também envolvendo-o numa participação “semântica”, que pudesse alimentar o corpo sutil mental. Ou seja:

(...)uma participação fundamental, total, não fracionada, envolvendo os dois processos, significativa, isto é, não se reduzem ao puro mecanismo de participar, mas concentram-se em significados novos, diferenciando-se da pura contemplação transcendental. (...) É inútil fazer aqui um histórico das fases e surgimentos de participação do espectador, mas verifica-se em todas as novas manifestações de nossa

vanguarda desde as obras individuais até as coletivas (happenings, p. ex.)  
(Oiticica, [1986] 2006:163)

O Instituto MESA, criado por Jessica Gogan e Luiz Guilherme Vergara constroem um histórico não-linear de manifestações artísticas transversais que se manifestam no campo das artes plásticas. Algumas delas desenvolvidas antes mesmo da década de 60, mas que permaneceram pouco divulgadas, por não terem sido convidadas para participar da estória linear etnocêntrica ocidental. No artigo “Comunidades, pedagogias e transgressões” escrito por Fred Coelho para a segunda edição da revista do Instituto MESA, o autor afirma que a arte, cada vez mais, aponta para as possíveis formas de inventarmos esse estado político de comunidade. Segundo o ator:

Mais uma vez, é a arte que oxigenará o fluxo de energia sempre que visar à conexão das partes rachadas, a revelação dos discursos silenciados, a invenção de mundos possíveis. Ela instaura em cada zona de tensão (ambiental, social, estética e histórica) microutopias fundadoras de outros futuros, construídos coletivamente.

(Coelho, 2015:9)

Dessas reflexões sobre os trabalhos artísticos que transitam entre arte e pedagogia apresentados na mesma edição da revista, emerge a pergunta: “Como viver juntos?”. Entendendo que o fazer comunitário é fundamental para questionarmos os nossos limites e para desmontarmos

poderes e saberes normativos da existência; “Viver juntos por que apenas juntos as soluções serão DE TODOS” (Coelho,2015:11). Coelho termina o artigo da seguinte forma:

Fecho esse texto com a citação retirada do trabalho do Ala Plástica: “O desafio de nosso fazer está centrado em articular forças coletivas para catalisar as possibilidades regenerativas do fazer comunitário, examinando a partir da arte como forma de conhecimento, as mutações urbanas, os ecossistemas e perguntando sobre o que nós humanos somos capazes de construir e destruir, e para que fazemos.” Para o que fazemos? Para vivermos. Juntos.

(Coelho, 2015:11)

Em 2016, na 32ª Bienal de São Paulo, intitulada “Incerteza Viva”, Jorge Menna Barreto apresenta “Restauro” para desenvolver o que ele chama de uma “escultura ambiental”. O artista articulou, junto com a Universidade de São Paulo, uma rede de produtores agroecológicos da região - incluindo integrantes do Movimento Sem Terra - para fornecer alimentos a um restaurante montado por ele na lanchonete do pavilhão da Bienal. Todas as atividades comuns de um restaurante - fornecimento, preparação dos alimentos e consumo – foram re-significadas por processos estéticos, políticos, econômicos e pedagógicos. Desta forma o artista se propunha a redesenhar uma pequena parte da paisagem ambiental do estado de São Paulo; redesenhando as relações

de produção e venda, além do próprio corpo físico-sutil daqueles que consumiam os alimentos, agora conscientes de estarem ingerindo uma cadeia de produção virtuosa. O artista não está somente alimentando o corpo físico/denso, mas também os corpos sutis - com saúde, beleza, virtude, justiça - do público-participador.

Esse tipo de trabalho é um exemplo de que podemos voltar nossos investimentos em ações virtuosas, que possam restaurar as relações de parceria entre a sociedade e o meio ambiente. Além de apontar para processos que não precisem depender exclusivamente e eternamente de um capital doação, mas que possam receber investimentos ou doações iniciais e continuar seguindo com as próprias pernas.

Ivan Illich<sup>19</sup> se refere a numerosos dados e testemunhos para demonstrar como o ideal de um aumento ilimitado da produtividade, típica da sociedade industrial, produz efeitos devastadores e paradoxais. Ele chama de “sociedades conviviais” as sociedades nas quais os instrumentos sociais não são reservados à um corpo de especialistas ou por quem detém o monopólio da produção e do capital. Seria através do exercício da convivência que os atores sociais iriam construir seus modos de produção. Para Illich, o homem não viveria somente de bens e de serviços, mas da liberdade de modelar os objetos que estão a sua volta, de conformar-lhes ao seu gosto. A passagem da produtividade para a convivência seria a passagem da repetição da carência para a espontaneidade da dádiva. A relação industrial

seria um reflexo condicionado, resposta estereotipada do indivíduo às mensagens emitidas de um outro usuário, que eles não conhecerão nunca; ou de um ambiente artificial, que ele nunca compreenderá. Já a relação convivial, sempre nova, seria obra de pessoas que participam da criação da vida social. Passar da produtividade para a convivência significaria substituir o valor técnico pelo o valor ético. A convivência (ou convivialidade) seria a liberdade individual realizada na relação de produção no seio de uma sociedade dotada de instrumentos eficazes (Illich, 2005).

Uma grande contribuição do pensamento de Illich, que ainda podemos trazer para os dias de hoje, é buscar resgatar cada vez mais o direito das pessoas de utilizar a sua energia de maneira criativa, permitindo-as participar da construção e da criação da vida social. Para o autor, a autonomia criativa e participativa é um dos pilares fundamentais para se construir uma sociedade livre e justa.

Além disso, Illich defende que é preciso encontrar um limite saudável para o consumo e o desenvolvimento. Da mesma forma que o caramujo interrompe sua produção para poder continuar suportando a casa nas suas próprias costas, o indivíduo pode buscar a medida justa para que a sua produção seja permanente e sustentável. Illich chama de austero, aquele que encontra a sua própria alegria no emprego do instrumento convivial:

Austeridade não significa, de fato, isolamento ou fechar-se em si mesmo. Para Aristóteles como para São Tomaz Aquino, é o fundamento da amizade.(...) Tomaz define austeridade como uma virtude que não exclui todos os prazeres, mas somente aqueles que degradam e obstruem as relações pessoais.

(Illich, 2005: 15)

Em consonância e sintonia com esses pensamentos de Illich, vem surgindo diversos movimentos a nível global que podemos chamar de “decrecentistas”, empoderando o indivíduo austero e convivial na sua autonomia criativa. Dentre eles está o *slow food*, que se ocupa de uma cadeia de produção alimentar, desde a compostagem, o adubo, o cultivo orgânico dos alimentos e a produção numa atitude de parceria com a biosfera e seus habitantes. Outro movimento é o “Km Zero”, incentivando a utilização de produtos e serviços locais - rompendo com o monopólio da produção de serviços e produtos homogeneizados - que não precisaram rodar quilômetros pelo planeta até chegar ao consumidor. Em sintonia com esse movimento existe também o “Compre de quem faz”, valorizando o produtor e reduzindo, dessa forma, os intermediários e os lucros exorbitantes que estes ganham as custas do meio ambiente e dos trabalhadores.

Faz parte desses movimentos o crescente interesse e valorização pelos conhecimentos dos povos ancestrais e suas cosmovisões (*ubuntu*,

*teko porã* e *sumak kawsay* acima citados são apenas alguns de seus lemas). Podemos citar também o *Do it Your Self* (faça você mesmo) e o movimento *Markers* (fazedores), que estimulam o indivíduo a saciar suas próprias necessidades de serviços e produtos de modo artesanal; utilizando a marcenaria, cerâmica, tecelagem, ervas medicinais, etc, mas também o manejo de “tecnologias doces”. As tecnologias doces são aquelas que pessoas e pequenas empresas, que não são altamente especializadas, possam utilizar e reproduzir, proporcionando autonomia criativa para encontrar soluções às necessidades da vida social (Latouche). O movimento Maker vem abarcando também tecnologias, como a robótica e games, onde objetos eletrônicos são criados por qualquer pessoa e até mesmo crianças. A nova fronteira da tecnologia material é produzir suportes/dispositivos eletrônicos básicos para que pessoas e pequenas empresas possam, a partir deles, criar novas tecnologias. Esse exercício lúdico-experimental de autonomia criativa é, segundo Latouche, fundamental para a transição para um sistema de decrescimento:

A fase de transição entre um sistema capitalístico e uma sociedade do decrescimento põem certamente enormes problemas de re-conversão dos aparatos produtivos. Em todo caso, o decrescimento representa também um desafio para o engenho humano e a sua capacidade de encontrar as soluções necessárias para o momento justo. Por exemplo, é possível pensar em

converter as indústrias automobilísticas em fábricas que produzem aparelhos eletrônicos para a micro-geração de energia. Para construir um micro-gerador, de fato, é suficiente o motor de um automóvel ligado à um alternador instalado num invólucro metálico; as competências, as tecnologias e o trabalho necessário são praticamente idênticos.

(Latouche, 2010:124)

Para esse futuro (que também é passado e presente), a brincadeira, o ócio e o exercício lúdico é fundamental para preparar indivíduos que possam encontrar soluções pluriversais para os problemas cotidianos locais. A VAV convoca professores e pedagogos para estarem atentos sobre quais competências as crianças do futuro deverão desenvolver para o mundo que os espera. A capacidade de resolver conflitos abrange tanto as esferas socioemocionais como a autonomia criativa para manipular os meios de produção. E para ambos a liberdade de expressão e a capacidade de brincar e imaginar é fundamental. Para Johan Huizinga, criador do termo *homo luden*, seria o jogo e a brincadeira que precederiam a cultura:

Em época mais otimista que a atual, nossa espécie recebeu a designação de *Homo sapiens*. Com o passar do tempo, acabamos por compreender que afinal de contas não somos tão racionais quanto a ingenuidade e o culto a razão do século XVIII

nos fizeram supor, e passou a ser de moda designar nossa espécie de *Homo faber*... Mas existe uma terceira função, que se verifica tanto na vida humana como na animal, e é tão importante como o raciocínio e o fabricação de objetos: o jogo. Creio que, depois de *Homo faber* e talvez ao mesmo nível de *Homo sapiens*, a expressão *Homo ludens* merece um lugar em nossa nomenclatura.

(Huizinga, 2004:1)

Chegando nesse ponto, podemos reafirmar a importância do *homo luden*, através da brincadeira, no ócio e nas práticas artísticas para a construção de um processo de decrescimento. Incluindo as manifestações e festas populares, mas também o circuito legitimado de “arte contemporânea” que se move em sintonia com essa transição. Hélio Oiticica, um dos precursores de uma arte que desmaterializa o objeto em prol de uma “experiência total”, cria em 1986 o termo Crelazer:

Não ocupar um lugar específico no espaço e no tempo, assim como não viver o prazer ou não saber a hora da preguiça, é e pode ser a atividade a que se entregue um “criador”.

Que é ou quem poderia ser um criador? Criar pode ser aquele que cria uma cria, um criador de cavalos ser “o criador”? Talvez, por que não?, mais do que muito fresco que anda pintando por aí. Claro – de-

pende de como o faça, como se deprende no lazer-prazer-fazer.(...) O Crelazer é o criar do lazer ou o crer no lazer?

(Oiticica, 1986 :113)

A teoria do não-objeto e a desmaterialização do objeto, assim como o minimalismo, a land art estariam exercitando um dismantelamento do paradigma absoluto e central do objeto para dar lugar à uma consciência de espaço (afetivo e energético) e de questões sensoriais que vão muito além da “aristocracia visual” de um objeto material (Oiticica, 1986). É interessante observar como, vem surgindo e se afirmando movimentos artísticos denominados “arte ambiental”, “arte engajada”, “arte contextual”, “arte relacional” alinhados com os valores defendidos pelo decrescimento econômico, o ativismo quântico, o ubuntu, o sumak kawsay e diversos movimentos que representam o espírito de transição do nosso tempo. Um tempo de “Incertezas Vivas”<sup>20</sup>, de um sistema em franca decadência, que se estilhaçando urge pela criação de sistemas que criem juntem rearranjam esses cacos.

Para que a recessão seja subvertida em crescimento da energia vital, precisamos desmaterializarmos-nos e resgatar o sentido da contemplação e da brincadeira, aumentando as interações relacionais:

O abandono do sistema produtivista e trabalhista atual pressupõem uma organização radicalmente diversa na qual o di-

vertimento e o jogo tem tanto valor quanto o trabalho, nos quais as relações sociais prevalecem sobre a produção e o consumo de produtos “usa e joga fora” inúteis se não até mesmo nocivos. (...) essa reconquista do tempo, livre é uma condição necessária para realizar a descolonização do imaginário.

(Latouche, 2010: 153)

Podemos dizer que decrescimento e o crelazer também atuam como um ativismo quântico, deslocando o foco da matéria como a base de todas as coisas para uma “economia da energia vital”. A política do decrescimento é insustentável sem a construção de redes sociais solidárias e a desconstrução do imaginário ligado à hiper-produção e consumo de objetos. O comércio, o dinheiro e a tecnologia continuam sendo úteis, desde que estejam à serviço da sociedade entendida como uma mulherbiosfera. Uma mulherbiosfera que precisa ser reverenciada, tratada com muito respeito e cuidado. Nas organizações que Ivan Illich chama de “conviviais” também teríamos o crescimento das dádivas, trocas desinteressadas e da autonomia criativa. Além da valorização dos produtos e prestadores de serviço locais, nos reconectando com as riquezas locais, que “brotam” naquele contexto, e que portanto são as mais adequadas para seus habitantes (Illich, 1978).

O MDF também pode ser denominado MDS - Movimento pelo Decrescimento Sereno - na lógi-

ca de que é necessária uma transição serena e não forçada por um sistema totalitário e unilateral. Sair do crescimento sem construir redes de apoio e estruturas criativas de convivência, significa recessão e crise; e o que o decrescimento se propõem é o contrário do estado de recessão. O caminho para a transição é construído na convivência em contextos e conjunturas pluriversais com infinitas possibilidades de respostas às demandas e questões que vão surgindo.

Não podemos continuar mandando os resíduos tóxicos que produzimos para os “subúrbios” do mundo. Simplesmente por que o planeta é redondo e tudo o que estamos jogando para onde nossa vista não alcança, já está batendo na nossa porta. Não somente o lixo, mas também a violência das cidades brasileiras e latino-americanas e das guerras (disfarçadas de paz que os EUA trava em busca do Petróleo) que mantém aceso o mercado internacional de armas. Essa guerra que interessa a uma pequena cúpula e que se mantém às custas de atrocidades cotidianas vivida pelas populações locais.

É imprevisível como a situação econômica irá se configurar nos próximos anos. Mas a construção de novas redes de redes materiais e sutis entre disciplinas, movimentos e organizações como a permacultura, a ecologia profunda, a sintropia, economia solidária ou criativa, a Comunicação Não-Violenta, a sociocracia, o Gaya education, (só para citar alguns deles) serão fundamentais.

O intercambio comercial e cultural entre as na-

ções e continentes já existia mesmo antes do surgimento dos grandes impérios patriarcais. Como iremos tratar na edição 3 da VAVzine, o comércio e o desenvolvimento tecnológico podem coexistir com estruturas conviviais de parceria entre os povos. Esse retorno às riquezas locais e à autonomia criativa dos indivíduos é o oposto de pessoas isoladas ou comunidades autóctonas. A construção de uma espécie de “autonomia solidária” pode abraçar um sistema de intercâmbio cultural e econômico global, desde que ele emancipe a biosfera e seus habitantes. Mas para Beuys a própria estrutura democrática atual deve ser repensada:

(...)a democracia deve ser construída não pelos partidos, não pelo domínio prevaricante de uma minoria, mas pela contribuição e pela participação de todos os cidadãos. (...) o povo continua a agir segundo o sistema de delegação: votando, como representante seu, em pessoas propostas pelos partidos. E, assim fazendo, renunciando voluntariamente a seu direito de cogestão política e a seu direito de autodeterminação.

Esta é a constituição que provém do povo, em conformidade com o princípio que quer restituir ao povo todos os poderes atualmente detidos pelo estado.

(Beuys, [1972] 2006:302)

A VAV acredita que a política partidária somente fará sentido com uma sociedade civil organizada. Caso contrário ela continuará sendo somente uma extensão modernizada do sistema colonial oligárquico. As verdades universais que sustentavam o sistema estão se estilhaçando, e nos encontramos mergulhados em incertezas. Não existe uma resposta única para a crise, mas a pluriversalidade, que convoca a todos nós a participar, não mais como espectadores passivos de grandes ditames vindos de cima para baixo, mas como responsáveis por nossa vida em inter-dependência local e global.

Finalizo essa fila de palavras com uma frase de um dos mais importantes pensadores brasileiros:

“É preciso deixar o território falar”.

(Milton Santos)

## notas

1. Discurso proferido por Robert Kennedy em maio de 1968, na Universidade de Kansas, durante a campanha presidencial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0YLhM4FweIQ> pesquisado em: 20/06/2017. Tradução livre)
2. Nesta mesma edição da VAVzine está prevista uma matéria de um dos nossos acionistas, o Bichogrilo, um artesão morador de rua que vem especulando ações e pesquisas sobre o PIF.
3. Tradução livre
4. VINHAS, Tania. Revista Super interessante online, publicado em 3 de out de 2011 pesquisado em: 21/9/2017 - [https://www.google.com/amp/s/super.abril.com.br/blog/superblog/frase-da-semana-8220-a-imaginacao-e-mais-importante-que-o-conhecimento-8221-einstein/](https://www.google.com/amp/s/super.abril.com.br/blog/superblog/frase-da-semana-8220-a-imaginacao-e-mais-importante-que-o-conhecimento-8221-einstein/amp/#ampshare=https://super.abril.com.br/blog/superblog/frase-da-semana-8220-a-imaginacao-e-mais-importante-que-o-conhecimento-8221-einstein/)
5. Tradução livre
6. Tradução livre
7. O habitantes de Alphaville deveriam abrir mão de sua expressão individual em função de uma sociedade mecânica, materialista, lógica e científica. Nessa sociedade, os pensadores - sociólogos, artistas, filósofos - são marginalizados e certas palavras vão sendo retiradas do dicionário por provocarem sentimentos que possam ameaçar o controle de Alphaville.
8. Segundo Suley Rolnik, a cafetinagem do sistema absorve e reduz as manifestações culturais subversivas em meros produtos do próprio sistema. (Rolnik, 2006)
9. Entre 1984 e 2007 o projeto já havia atendido mais de 20 mil crianças. Fonte disponível em: <http://www.cpcd.org.br> pesquisado em: 20/11/2017
10. Quem tiver interesse em pensar respostas atuais para essa pergunta pode ler a prevista para esta mesma edição com Lucimare Letelier e as propostas do Museu Vivo para a sustentabilidade econômica e independência política das iniciativas culturais entrevista.
11. Algumas imagens dos exemplares das lingers estão presentes nessa edição e vocês podem fazer suas encomendas
12. Os produtos vendidos no triciclo variam entre kombuchas (uma bebida artesanal probiótica), brinquedos e fantasias artesanais, cestas e objetos de palha, camisetas, cangas, xampus, sabonetes, etc. Vocês poderão conhecer um pouco desses produtos nos anúncios publicitários previstos nas VAVzines.
13. SEIXAS, Raul. Album: Gita, 1974.
14. Amit Goswami é PhD em Física Quântica pela Universidade de Calcutá (Índia), professor aposentado do Departamento de Física da Universidade de Oregon (EUA).
15. As emoções propositivas são fruto de sentimentos que nos fazem sentir abertos à vida, seguros, serenos e felizes, tais como o amor, a alegria, a curiosidade, a serenidade, etc.
16. Entrevista: “A economia espiritual de Amit Goswami”, 2007 disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/a-economia-espiritual-de-amit-goswami/> pesquisado em: 28/09/2016
17. Vocês poderão conhecer mais sobre o funcionamento dessa iniciativa na entrevista com Leonardo Letelier, fundador da Sitawi prevista para essa mesma edição da VAVzine.
18. Trecho completo: “ É essa a tecla fundamental do novo conceito de anti-arte: não martelar contra a arte do passado ou contra os conceitos antigos (como antes ainda uma atitude baseada na transcendência), mas criar novas condições experimentais, em que o artista assume o papel de “proposicionista”, “empresário” ou mesmo “educador”.” (Hélio Oiticica, 2006: 167)

## Bibliografia

ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropofágico. Revista de Antropofagia, Ano I, No. I, maio de 1928.

ARAÚJO, Rosa T. Bonini de. A Mulher do Século XXI: O Resgate de Lilith. São Paulo: Aquariana, 1989.

Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BOIS, Yves Alain e KRAUSS, Rosalind. Formless: A user's guide. New York: zone books, 1997.

BOURRIAUD, Nicolas. Relational Aesthetics. Paris: Pesses de réel, 2002.

CAMNITZER, Luis. Ensaio: Pensamento crítico, s/d.

BROTTO, Fábio Otuzi. Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Ed. Projeto Cooperação, 2002.

CAPRA, Fritjof. O Tao da Física: um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. São Paulo: Ed. Coltrix, 1995..

CASTANEDA, Carlos. Viagem à ixtlan. São Paulo: Distribuidora Record, 1972.

CHIAVOLABIRNBAUM, Lucia. La madre O-Scura. Cosenza: Media Mediterranea, 2004.

CLARK, Ligia. "A supressão do objeto" In FERREIRA Glória, COTRIM, Cecília (Orgs). Escritos de artista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 350- 356

COHON, Segio (org). Ailton Krenak. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

COPELIOVITCH, Andrea. O ator guerreiro frente ao abismo. Natal: Editora da UFRN, 2008.

DALISE, Ricardo. L'Architettura della Nuova Innocenza. Milano, Corraini, 2009.

DELEUZE, Gilles and GUATTARI, Félix. A thousand plateaus. Capitalism and schizophrenia. Trans Brian Massumi. Minneapolis: The University of Minnesota, 2003.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. Percepto, Afecto e Conceito in O que é filosofia?. São Paulo: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles. Espinosa: Filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOZA, Baruch. ÉTICA demonstrada según el orden geométrico. Madrid: Ed Nacional, 1980.

ESPINOSA, Baruch. Ética: introdução e notas Joaquim Carvalho. Lisboa: Relógio D'água. 1992.

EISLER, Riane. Il calice e l'aspada: La civiltà dela Grande Dea dal Neolítico ad oggi. Udine: Forum, 2012.

FEDERICH, Silvia. Revolution at point zero: housework, reproduction and feminist struggle. New York: PM Press, 2012.

FERREIRA, Aurélio B. Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1975.

FONTES, Adriana. Celeida Tostes; Entre o íntimo e o coletivo. Rio de Janeiro: s/d, mimeo.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FUKOKA, Masanobu. La revolución de una brizna de paja. RODALE PRESS, 1978.

Disponível em:  
[https://www.webislam.com/media/2012/07/54112\\_la\\_revolucion\\_de\\_una\\_brizna\\_de\\_paja.pdf](https://www.webislam.com/media/2012/07/54112_la_revolucion_de_una_brizna_de_paja.pdf)  
pesquisado em: 28/10/2017

GOSWAMI, Amit. Economia da Consciência. São Paulo: Aleph, 2015.

GOSWAMI, Amit. O ativista quântico: princípios da física quântica para mudar o mundo e nós mesmos. São

Paulo: Aleph, 2010.

GOSWAMI, Amit. A criatividade Quântica. São Paulo: Aleph, 2008.

GRAVES, Robert. La Dea Bianca : grammatica storica del mito poético. Milano: Adelphi, 1992.

GUIMBUTAS, Marija. Il linguaggio dela Dea. Roma: Venexia, 2008.

HELGUERA, Pablo. Education for socially engaged art. New York: Ed. Jorge Pinto book, 2011.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ILLICH, Ivan. La convivialità. Milano: Ed. Boroli, 2005.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

KROPOTKIN, Piotr. Ajuda mútua, um fator de evolução. São Sebastião: Ed Senhora, 2009.

LACAN, J. (1959-60/1997) O Seminário Livro 7, A ética da psicanálise. Ed. Jorge Zahar, 1988.

LAMA, Dalai e GOLEMAN, Daniel. Como lidar com emoções destrutivas. Brasil: Elsevier, 2003.

LATOUCHE, Serge. La scommessa dela decrescita. Milano: Feltrinelli, 2010.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Colección Razón Política. Ediciones del Signo, 2010.

NANCY, Jean Luc. Corpo, Fora. São Paulo: Ed. 7 letras, 2015.

NEWMANN, Erich, La grande Madre: fenomenologia dele configurazioni femminili dell'incôncio. Roma: Astrolábio, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich, Assim falou Zaratustra. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. Ed. Martin Claret, 11a reimpressão, 2017.

OITICICA, Hélio. Aspiro ao grande labirinto. Seleção de textos: Luciano Figueiredo, Lygia Pape e Waly Salomão. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.

PANKSEPP, Jaak. Affective neuroscience: The foundations of human and animal emotions. Oxford: Oxford university press, 2004.

PIRES, Valéria Fabrizi. Liith e Eva: Imagens arquetípicas da mulher na atualidade. São Paulo: Summus, 2008.

RAMOS, E. Carmen. Ana Mendieta In :our america. [S.l.]: Washington : Smithsonian American Art Museum, 2014.

RICOUER, Paul. O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica. Porto: RÉ, s/d.

RIVERA, Tania. O Averso do Imaginário. São Paulo: Ed. Cosacnaify, 2013.

ROBERT, Jozsef. A origem do dinheiro. São Paulo: Ed. Global, 1982.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Incerteza Viva. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2016.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, v. 4, 1988.

SICUTERI, Robert. Lilith: A Lua Negra. São Paula: PAZ E TERRA, 1998.

THOMPSON G., The First Philosophers: Studies in Ancient Greek Society. London: Lawrence & Wishart, 1972.

## Revistas, artigos, contos, ensaios e entrevistas

BEUYS, Joseph. “A revolução somos nós” [1972] In FERREIRA Glória, COTRIM, Cecília (Orgs). Escritos de artista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 300-324

COELHO, Fred. “Comunidades, pedagogias e transgressões” in GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme (orgs). Espaços poéticos= linguagens éticas: diversas práticas na américa latina .Revista MESA n. 2Ed. Azougue, maio 2015. P. 8-11

DAVALOS, Pablo. “El Sumak Kawsay (“Buen Vivir”) y las cesuras del desarrollo” [2008] in HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis, GARCÍA, Alejandro Guillén e GUAZHA, Nancy Deleg (editores). Sumak Kawsay Yuyay .Huelva y Cuenca: Fiucuhu, 2014.

GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme. “Territórios e práticas em processo In GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme. Territórios e páticas em processo. Revista MESA n.1. Ed. Azougue, abril 2015.

GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme. Revista MESA on-line: <http://institutomesa.org/revista-mesa/>

GOSWAMI, Amit. Entrevista: “A economia espiritual de Amit Goswami”, 2007. disponível em: <<https://www.revistaplaneta.com.br/a-economia-espiritual-de-amit-goswami/>> pesquisado em: 28/09/2016

HELGUERA, Pablo. Ensaio: Transpedagogy. Disponível in: <http://www.taniabruguera.com/cms/239-0-On+transpedagogy.htm>

KORTEN, David. “A Grande Virada: do Império à comunidade da Terra”. In: Joanathan Dawson, Helena Norberg-Hoget e Ross Jackson, orgs. Economia de Gaia. Rio de Janeiro: roça nova, 2017. p. 23 - 30

LISPECTOR, Clarice. “Os desastres de Sofia”. In A Legião Estrangeira. São Paulo: Ed. Ática, 1977.

MALDONADO, Luis. “El Sumak Kawsay / Buen Vivir / Vivir Bien. La experiencia de la República del Ecuador” [2010]. In: CAPITÁN, Antonio Luis Hidalgo, GARCÍA, Aljandro Guillén e GUAZHA, Nancy Deleg (Ed). Sumak Kawsay Yuyay . Huelva y Cuenca: 2014. P. 193-210

MIGNOLO, Walter. “El Pensamiento Descolonial: desprendimento e abertura. Un manifesto” In: GÓMEZ, Santiago Castro e GROSFOGUEL, Ramón (ed). El Giro Descolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.p 25-46

MILANEZ, Felipe. “O que pode vir a ser no Brasil a ideia de decrescer? In: D’ALISA, Giacomo, DEMARIA, Federico e KALLIS, Giorgos (orgs). Decrecimiento: vocabulário para um novo mundo. Porto Alegre: Tomo, 2016. p. 9-14

NUNES, Rodrigo. “Por uma política de contra-cafetinagem” in GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme (orgs). O sentido de público na arte. Revista MESA n.3. Ed. Azougue, maio 2015. Disponível em: [http://institutomesa.org/RevistaMesa\\_3/rodrigo-nunes/](http://institutomesa.org/RevistaMesa_3/rodrigo-nunes/) Pesquisado em: 21/02/2018

OITICICA, Hélio. “Esquema geral da nova objetividade” [1967]. In FERREIRA Glória, COTRIM, Cecília (Orgs). Escritos de Artistas. Ed Jorge Zahar, 2006. p. 154 – 168.

PASTORE, José. Artigo:” As medidas que vão gerar empregos” in São Paulo: O Estado de S. Paulo, 12/07/2016. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,as-medidas-que-vao-gerar-empregos,10000062284> pesquisado em: 15/01/2018

PLASTICA, Ala. Iniciativa Biorregional: A redefinição dos espaços de criação e ação. In in GOGAN, Jessica e VERGARA, Luiz Guilherme (orgs). Espaços poéticos= linguagens éticas: diversas práticas na américa latina .Revista MESA n. 2. Ed. Azougue, abril 2015. p.56-61

RIVERA, Tania. O sujeito é uma multidão: Ensaio sobre os trabalhos sonoros de Cildo Meireles. Ensaio. s/d, mimeo.

RAMOSE, Mogobe B.. “Ubuntu” in D’ALISA, Giacomo, DEMARIA, Federico e KALLIS, Giorgos (orgs). Decrecimiento: vocabulário para um novo mundo. Porto Alegre: Tomo, 2016. p. 273-276

ROLNIK, Suely. Ensaio: “O corpo vibrátil de Lygia Clark”, 2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3004200006.htm> pesquisado em: 18/08/2016

ROLNIK, Suely. Ensaio: “Geopolítica da cafetinagem”, ano 2006. Disponível em: <<http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>> pesquisado em: 20/03/2018

SALTZ, Jerry. Why 2017 need a new kind of art?, Sleek magazine, 2016. Disponível em: < <http://www.sleek-mag.com/2017/01/12/2017-needs-new-art/> > Pesquisado em: 25/11/2016.

SMITHISON, Robert. “Uma sedimentação da mente: projetos de terra.” in FERREIRA Glória, COTRIM, Cecília (Orgs). Escritos de Artistas. Ed Jorge Zahar, 2006. p. 182 -197

TOSTES, Celeida. Celeida Tostes Textual. Acervo de Jorge Emanuel, s/data, s/r.

TUNGA, entrevista, Revista Casa Vogue,2016. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/LazerCultura/Arte/noticia/2016/06/eu-acredito-na-vida-diz-tunga-em-sua-ultima-entrevista.html>> Perquisado em: 10/10/2017

ULGIATI, Sergio. “Entropia” in D’ALISA, Giacomo, DEMARIA, Federico e KALLIS, Giorgos (orgs). Decrecimiento: vocabulário para um novo mundo. Porto Alegre: Tomo, 2016. p 137-140